

CANCIONEIRINHO  
DE  
TROVAS ANTIGAS

COLECCIDAS DE UM GRANDE CANCONEIRO  
DA BIBLIOTHECA DO VATICANO.

PRECEDIDO  
DE  
UMA NOTICIA CRITICA DO MESMO GRANDE CANCONEIRO,  
COM A LISTA DE TODOS OS TROVADORES QUE COMPREHENDE,  
PELA MAIOR PARTE PORTUGUEZES E GALLEGOS.



4093

VIENNA.  
TYPOGRAPHIA I. E. R. DO E. E. DA CORTE.  
MDCCCLXX.

75561  
1935c  
815.112

## NOTICIA CRITICA.

Havendo encontrado em Madrid em 1857. na livraria de um Grande d' Hespanha, amigo nosso, um cancionero portuguez manuscripto, apressámo-nos, com a necessaria autorisação previa sua, a fazer delle tirar uma cópia. Nem as nossas occupações nos permittiam fazel-a pessoalmente, nem o tivemos por mui essencial, ao suspeitar, por se acharem ali as poesias d'elrei D. Diniz taes como as publicára Moura, que o manuscripto não passava de ser um transumpto do conhecido codice 4803 da Vaticana, que então julgavamos mui correcto e de toda autoridade. Assim pois pensámos que possuindo esta cópia tal como então nos era possivel obtel-a, conseguiríamos algum dia corri-

gil-a pessoalmente, em presença do codice romano.

A occasião não tardou em se nos proporcionar. Havendo aproveitado de um ensejo que se nos apresentou, fomos a Roma em abril de 1858; e apenas ali chegámos, apesar de tantas distrações, que offerece ao espirito a capital da antiga civilisação romana e da moderna civilisação catholica, não perdemos um momento em correr á bibliotheca do Vaticano, a cotejar a lição do seu codice 4803 com a da cópia que levavamos, tirada pagina por pagina, linha por linha, e letra por letra da de Madrid.

Desde logo vimos confirmadas as nossas suspeitas, ainda muito além do que pensávamos; pois advertimos que muitos erros que attribuíamos só ao exemplar de Madrid, v. gr. *figlio* por *filho*, *chiamar* por *chamar*, e outros mais marcados, se encontravam tambem na cópia de Roma, evidentemente feita por copista italiano pouco destro. Apesar

disso, procedemos ao cotejo do melhor modo que nos foi possível no pouco tempo de que podíamos dispor. Resultou porém delle, incompleto como foi, a convieção de que um e outro manuscripto são incorrectos, e de que, em muitos logares, só á força de combinar o sentido e a rima e o metro com o numero de ligações que se contam em certas palavras é que algumas destas se podem ir decifrando. Isto pelo menos no que respeita ás primeiras paginas do manuscripto; pois mais ao diante, ou porque o amanuense ja se achava mais adestrado, ou porque da cópia se encarregou pessoa mais competente, ha paginas, incluindo as que contém as poesias d'elrei D. Diniz, que se lêem bem. Voltaremos porém a tratar deste ponto ao descrever o codice.

Apezar dos defeitos dos dois manuscriptos, e por conseguinte da nossa cópia, depois de fazer sobre ella algum estudo, deliberámos, nesse mesmo anno de 1858,

entregál-a ao prelo, deixando lacunas nos logares que não podessemos entender.

Se a edição se tem levado então a cabo, quantas penas e quantas dúvidas não houveramos poupado ao benemerito Wolf!

Nos trabalhos preparatorios para realizar a empresa nos achavamos, quando tivemos que seguir, por ordem do Governo Imperial, para o Paraguay, residencia que não era por certo então das mais adaptadas para poder votar ás lettras nenhum instante de descanso o agente do Brazil ali residente.

Regressando ao Rio de Janeiro foi um de nossos primeiros cuidados o occuparmos definitivamente da publicação do nosso manuscrito.

Mostrando-o a S. M. o Senhor D. Pedro 2º, bastande conhecido no mundo por seu amor ás lettras, de que é tão cultor quanto lh'o permitem os cuidados e afans do governo, vimos com a maior satisfação que

o chefe supremo da hoje maior nacionalidade na lingua portugueza Se Dignou Conceder sua alta protecção para ser effectuada á sua custa, na pitoresca cidade de Petropolis por Elle fundada, uma edição condigna deste monumento quasi primitivo da nossa lingua, e da influencia nella dos antigos trovadores. As composições destes viriam, assim, do meio dos mattos virgens da outr'ora colonia portugueza a ser, com o auxilio da imprensa, propagadas nas cidades onde em mil saráus se haveriam cantado ha cinco e seis seculos. Eis a ordem, que recebemos, assignada pelo mordomo da Caza Imperial o Conselheiro Paulo Barboza da Silva, em 17 de Janeiro de 1861. „Sua Magestade o Imperador Houve por bem approvar a proposta que V... fez relativamente á impressão do inedito Cancioneiro, e determina que V... se encarregue de mandar imprimir esta obra na typografia do „Mercantil“ de Petropolis, na conformidade do

orçamento apresentado, e com os typos do modelo incluso."

Desta resolução demos de continuo aviso á typografia, que immediatamente fez subir os novos typos já encomendados, e dizpoz que lhe fossem enviadas algumas resmas de papel, a fim de que sem demora se começasse a obra.

Porém ainda desta feita não foi possível levar-se ávante semelhante edição, emvirtude das contingencias a que está exposto o literato que é ao mesmo tempo empregado público. Não eram passados tres dias, quando recebemos do Ministerio dos Negocios Estrangeiros um despacho annunciando-nos uma transferencia para Venezuela, com ordens para seguir logo viagem. Antes assim: pois em triste collisão nos encontraríamos se uma semelhante ordem nos houvesse sido transmittida algumas semanas mais tarde, quando já tivéssemos em meio a impressão da obra!



As occupações officiaes em que nos achámos desde 1861 a 1867, quer nas republicas de Venezuela, Equador, Perú e Chile, quer nas proprias Antilhas, não nos deram muita occasião de pensar em semelhante edição, para a qual até ahi nos faltavam auxilios. Passando ultimamente á Europa, chegavamos de novo a lançar-nos á empresa, quando, com bastante fundamento, nos constou que havia uma sábia corporação, por todos os titulos mais habilitada, que se propunha a levar-a ávante, e assentámos de que, quando tanto inédito ha por publicar, não conviria, por nenhum modo, que deste sahisses a um tempo de prelos diversos duas edições, guerreando-se uma á outra, como succedeu com o Leal Conselheiro, e ainda ultimamente com a chronica brasilica do jesuita Simão de Vasconcellos. Bem basta que nos sujeitemos uma vez a esse encontro a respeito do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, do qual pensamos offerecer ao publico, mais dia menos

dia, uma nova edição, embora a mesma sábia corporação realise a que igualmente premedita.

Determinados (com mais razão agora que toda a nossa applicação será pouca para a dedicarmos a estudos acerca do nosso paiz) a abandonar a ideia de fazer essa edição que por duas vezes a sorte nos arrancou das mãos, nem que avisando-nos para não a acomettermos por 3<sup>a</sup> vez, julgámos que a circumstancia de havermos pessoalmente examinado, ainda que á pressa, o manuscripto de Roma, e de conhecermos bem o de Madrid, seu espelho, e que nem todos terão propôrções para ver (quando nem nos achamos autorisados a declarar quem é o seu possuidor) nos impunha o dever de publicar esta noticia, supprindo assim uma lacuna deixada por Lopes de Moura, que deu do codice uma ideia bastante imperfeita. A pequena colleção que juntamos das composições que julgamos mais características não só completará esta noticia,

como servirá a excitar mais a curiosidade do público, para melhor receber a futura edição do mesmo Cancioneiro, que oxalá se não faça esperar muito. †)

Começam ambas as copias mui ex abrupto, sem nenhum titulo ou prologo, com a trova de Fernão Gonçalves, que adiante publicamos sob o n. xlij. O appellido do trovador está escripto Gonsaluit: mas percorrendo o manuscripto se reconhece que o copista leu varias vezes u i t a syllaba v e s d o

---

†) A nova publicação poderia reduzir-se a contar umas 600 composições, se della se quizessem excluir as de D. Diniz, ja publicadas por Moura, e mais cincoenta e tres pelo menos, que se acham repetidas no Cancioneiro de Lisboa, attribuido por varias razões ao Conde de Barcellos; além das que no proprio Cancioneiro de Roma se acham repetidas, das que aqui publicamos, e de um grande numero que, por decencia e pelo respeito do editor ao publico e a si mesmo, haverá que excluir de qualquer edição não clandestina.

antigo codice. Seguem-se logo na primeira láuda duas trovas de Pero Barroso, que são as reproduzidas nas Trovas e Cantares, sob os n.ºs 231 e 232.

Vem ainda nessa primeira pagina o principio de outra canção. E' do trovador Sancho Sanchez e começa:

A minha Senhor que eu mais doutra ren  
Dezejei sempre etc.

A lettra do manuscrito da Vaticana é do seculo 16.º; mas não portugueza nem castelhana, como se pode ver pelo fac-simile que acompanha a edição das cantigas d' elrei D. Diniz por Lopes de Moura. O papel é contemporaneo forte, de linho e não aparado; e tem por marca d'agua um cordeiro. O livro consta de 200 folhas, alem de algumas em branco.

No alto da pagina do principio, á margem do mencionada primeira trova, vê-se escripto „103;“ do mesmo modo que ao lado da 3.ª mencionada trova se lê em romano

„Lxxxvj.“ Esta numeração encontra-se ainda uma vez, lendo-se 87 ao lado da trova 6<sup>a</sup>; mas logo desaparece. Porém estes dois simples vestígios acaso nos servirão a explicar a que se referiam. A primeira numeração desaparece por algum tempo; mas volta a apparecer ja no meio do codice com o n. 200, e então segue sem interrupção até o n. 300, com que acaba o Cancioneiro. Desde aquelle n. 200 por diante se acham seguidamente os outros n<sup>os</sup> 201, 202, 203 etc. postos, pouco mais ou menos em cada cinco ou seis trovas, e dão a conhecer que essa numeração era a dos folios do antigo codice, e que o copista que até ali a omittira de intento, ou por descuido, segue attendendo a ella, passando-a á sua copia até o fim. Mas começaria o codice com o Cancioneiro, ou haveria antes deste algum outro tratado? Se as poesias começavam com o codice, visto que este actualmente comprehende pouco mais de mil trovas (contando as que estão repe-

tidas) e os n.º de 200 a 300—samente se applicam aos antigos folios da sua segunda metade, segue-se que á primeira metade corresponderiam proximamente os outros com numeros anteriores.

Em todo o caso não ha dúvida que os n.º 103, e, depois, 200 até 300 nos vem revelar com toda a evidencia, que o antigo codice constante de 300 folhas ja estava falto das primeiras 102, quando d'elle foi tirada a cópia da Vaticana.

Pelo que respeita ao fim, não temos a menor suspeita de que esteja ali falto o Cancioneiro, e naturalmente o „Finis Laus Deo Semper“ que na copia se lê, depois da trova que adiante publicamos sob o num. xliij estaria tambem no original.

O exemplar de Madrid, de letra e papel mais modernos, é em tudo o mais como este. Consta porém de 272 folhas escriptas, além da 111, que vem repetida duas vezes na numeração.

Acode logo á tembrança d' suspeita de se poderiam ser desses 102 folios que se extraviaram do primitivo codice, os que no de Lisboa, em numero de metade, ainda existem. Oppoê-se porém a semelhante suspeita o argumento de não serem nessas folhas designados os trovadores, segundo o systema invariavelmente seguido no codice de Vaticana, até nas proprias canções menos dignas de publicação.

Mais natural nos parece que as tres primeiras folhas do codice fossem de assumpto estranho ao Cancioneiro, embora por ventura tambem trabalho de seu collecter, como parece ter succedido no de Lisboa. Sendo assim, os taes numeros lxxxvj e 87 poderiam ter correspondido na primitiva só ás laudas do Cancioneiro †), e, como o se-

---

†) M. Grüzmacher em um artigo publicado no tom. VI do *Jahrbuch für Romanische und Englische Literatur*, de que temos conheci-

guimento dessa numeração corresponde a cada tres cantigas ou trovas, se poderia colligir que ao Cancioneiro faltam oitenta e quatro laudas, ou quarenta e dois folios, que conteriam proximamente duzentos e cincoenta e duas trovas.

A copia da Vaticana é como dissemos do seculo 16º, e provavelmente foi feita na propria Roma, quando o Cancioneiro ahi „se achou em tempo d'elrei D. João 3º,“ segundo assevera Duarte Nunes na chronica d'elrei D. Diniz.

Além das mencionadas faltas provenientes da nacionalidade do copista, ha outras motivadas de não ser elle familiar com a

---

mento por uma carta do Sr. Díez, ao entrar no prelo esta pagina, crê (p. 352) que a numeração que segue no fim ate 300 era continuação da lxxxvj e lxxxvij. E' porem evidente o engano, visto que esta numeração corresponde a cada trez cantigas ou trovas, e a outra, de 200 em diante, admittê cinco ou seis, sem discrepar jamais.



letra do original, de modo que transcreeu muitas vezes as abbreviaturas sem as haver entendido, e trocou em semelhante transcripção algumas letras, o que melhor se adverte na repetição dos estribilhos, ou das proprias cantigas inteiras, quando se acham transcriptas mais de uma vez, como succede a varias. Semelhantes irregularidades se notam nas repetições dos nomes dos mesmos trovadores, e ás vezes os erros passaram não só nas abbreviaturas, mas até em muitas palavras escriptas por extenso. †) Felizmente ao menos nota se que o copista ou copistas, ainda que não versados no assumpto, pu-

---

†) Assim o nome do grande amigo e privado d'elrei D. Diniz, ja antes correctamente designado como Stevam da Guarda passou logo a ser Steudo da Ginda, depois St. Juam da Guarda, e por fim Stevam da Guardia. E referindo-se ao mesmo soberano, as palavras „d'elrey Don<sup>o</sup>“ foram lidas uma vez „lectcy D.“ — e outra — „de heusidon“ — !

nham de sua parte bastante disvelo e consciencia, e que tratavam como de pintar as palavras que não entenderiam.

As últimas duzentas e tantas composições do fim do volume, começando por Estevam da Guarda (11º nomeado por Wolf, na pag. 705) e seguindo com todos os demais até Pedr' Amigo, de Sevilha, são geralmente de escarneo e mal dizer, e estão, uma por uma acompanhados de explicações em prosa sobre o motivo que deu lugar a cada satyra (systema não seguido antes em todo o Cancioneiro), e provavelmente formariam já por si sós um Cancioneiro á parte, recolhido por algum curioso desse genero de composições, que ainda em nossos dias tem cultores.

Quanto á epoca em que deve ter sido colleccionado este grande Cancioneiro, reunindo-se evidentemente nelle outros menores, incluindo o d'elrei D. Diniz, não hesitamos em fixal-a ao meado do seculo 14º. — En-

contram-se ahi sem d'úvida trovadores do seculo precedente, e até um anterior a elrei D. Diniz, que vitupera aos que entregaram os castellos de Cintra, Leiria, Celorico, Faria etc. ao Conde de Bolonha, protegido pelo Papa. Mas esses tão antigos são poucos, de accordo com a tradição e testemunho dos autores de nota, que estão concordes em presentear ao reinado de elrei D. Diniz †) a verdadeira propagação em Portugal da poesia em romance, que nos dois seculos anteriores se havia cultivado nas terras d'Aquitania, do Auvergne, e principalmente do Limosin, e que,

---

†) „Sobre estas grandes virtudes tinha o rei D. Diniz outra, porque dos seus era muito amado, que foi ser mui humano e conversavel, sem perder nada da magestade de Rei, e grande trovador, e quasi o primeiro que na lingua portuguesa sabemos escrevera versos, o que elle e os daquelle tempo começaram fazer á imitação dos Auvernos e Provençaes“ — (Duarte Nunes, Chronica dos Reis de Portugal etc.

depois de muitos desastres nesses paizes se refugiara na Provença e por fim no reino d'Aragão (Catalunha) donde bem poderiam ter passado a Portugal maior numero de trovadores com a maior frequencia de relações entre as duas Côrtes, occasionada pelo casamento do mesmo rei D. Diniz com a princeza d'Aragão St<sup>a</sup> Isabel †). A vinda de trovadores estrangeiros em seu tempo, dos quaes alguns ali tinham ficado, é muito claramente revelada na trova II desta collecção, quando o trovador jogral diz, a respeito do mesmo rei D. Diniz,

„Os trobadores que pois ficaram  
En o seu reino e no de Leon.“

---

†) Cremos que muito boa seria a educação que lhe daria Aymerico d'Ebrard, mas não temos dados que nos autorizem a julgar que este illustre prelado fosse quem inspirasse ao rei trovador o gosto pela poesia erotica e suas consequências.

A recollecção que nos occupa seria provavelmente feita poucos annos depois das victorias do Salado e Algeciras em 1340 e 1344. O Cancioneiro pode considerar-se como um fructo, chegado até nossos dias, da liga eminentemente politica que produziu, alem d'outros resultados, o golpe mortal ás conquistas dos infieis nas Hespanhas, e livrou de todo os Portuguezes de novas invasões delles em seu territorio; visto que com o poder que trazia Albohacem, segundo a fraze de Padre Mestre Florez, „parecia que ameaçava o fim a toda a Hespanha, pois que jamais se vira nella tão numerosas tropas inimigas.“ —

Naquella cruzada se reuniram aos Portuguezes muitos outros filhos das Hespanhas, seus rivaes, como Galegos, Leonezes, Sevilhanos e varios

..... de Laredo  
De Burgos e de Victoria  
E extremas de Toledo.

Com os Portuguezes marcharam juntos muitos cavalleiros de Santiago (de Galliza), de Alcantara, de Calatrava e de S. Juan, além dos arcebispos de Santiago e de Toledo e de varios bispos.

Portugal ali mandou, com o seu rei, a flor da sua cavalaria, e toda a sua esquadra de vinte galês, refeita pelo mesmo rei Afonso 4º, depois do desbarate que sofrera no Algarve, quando o almirante de Castella Alfonso Jufre chegára a aprisionar e a levar comsigo a Sevilha ao de Portugal Micer Manuel Peçanha.

A reconciliação entre os dois povos, sellada com o sangue em combate contra infieis, e com o assentimento de Alonso XI. a que o herdeiro da coroa em Portugal casasse com a infanta D. Constança (ao que antes se oppunha, por não augmentar a força moral de seus inimigos) veio a produzir certa harmonia temporaria entre os dois povos, durante a qual, na mesma Castella provavel-

mente, se organisava este Cancioneiro, que pode ter sido o proprio, que foi visto depois pelo Marquez de Santilhana em sua mezinice.

Comparando-se os dois Cancioneiros de Roma e de Lisboa, nota-se neste ultimo mais unidade, no meio dos desconjunctamentos que experimentaram varios cadernos do Codice. Vê-se ali a mão do compilador ou rapsodista, não tanto no haver eliminado os nomes dos autores das trovas †), fazendo-se, por assim dizer, passar por autor de todas, mas na escolha das mais decentes, e principalmente na exclusão das que, pelos assumptos, não se poderiam considerar como portuguezas.

---

†) Não podemos associar-nos a uma opinião que foi aventada de que estes nomes se deviam ainda escrever com tinta encarnada; pois segundo se vê dos fac-similes, as letras em tinta encarnada ja se haviam escripto no codice.

Fizemos o possivel para que a collecção que ora offerecemos conservasse em tudo o character do grande Cancioneiro. Entre o rei que collocamos á frente della e o que a encerra com chave d'ouro, ha logar para todos, sem attentões á nacionalidade nem á gradação.

A melhores juises deixaremos o aquilatar o tal ou qual merito poetico das composições que escolhemos. De intento reduzimos ao menor numero que nos foi possivel as monotonas denominadas d'amigo, que fazem o principal peculio dos dois Cancioneiros, e as quaes (imitando o nome que lhe dão os Allemães) bem poderiamos conceituar de poesia artificial.

D'elrei D. Diniz não podendo completar a inedita que se encontra em ultimo logar no codice manuscripto, unica das do mesmo rei que deixou de ser publicada por Moura, offerecemos uma das 128 conhecidas (antes 127 porque a 57ª não é



mais que uma repetição da 18<sup>a</sup>.) porque sobre ella queremos offerecer uma pequena variante.

Ao lado do rei artista, do rei trovador, como lhe poderiam chamar os poetas, nenhuma composição devia com mais razão seguir-se que a do pobre jogral, que, depois d'elle morto, se lembrou de cantar as suas virtudes, a par das esperanças no reinado de seu neto Affonso XI, que por essa occasião tomava as redeas do governo.

As pastorelas do clérigo Ayres Nunes, que damos sob o n. III e IV, podem ainda hoje rivalisar com muitas das melhores poesias sentimentaes pastoris de nossos dias. Por estas e por outras, que preferimos a essas de lamuria amorosa, e em cuja selecção foi quasi exclusivo o de Lisboa, se verá que varios trovadores não desdenhavam de tirar partido das folhas e das flores de campo, recurso de que, segundo o trovador francez Thibaut de Champagne, so se aproveitavam

os que não sabiam trovar d'outros assumptos. A trova V offerece o specimen de uma satyra mais commedida na forma do que se usava naquelle tempo, segundo vemos de outras do Cancioneiro.

As coplas de João Zorro são das mais características do Cancioneiro. Figura-se-nos que nessas singelas barcarolas se commemora a construcção por D. Affonso 4.<sup>o</sup> das galés que depois foram ser de tanto auxilio em Tarifa e Algeciras, onde o trovador parece ter-se achado em pessoa, se bem interpretamos uma de suas poesias amorosas no Salado. — A primeira de suas trovas que offerecemos é evidentemente uma balata ou canto (como a palavra o diz) para acompanhar os que bailavam.

Deixando porém de seguir com esta resenha, certos de que mais que com ella aproveitará o leitor estudando as trovas em si mesmas, nos limitaremos a observar que varias dellas e com especialidade a XXI tem

muita analogia (até na disposição dos referellos) com uma balata usada no acompanhamento da dança p̄rma, que conservava de memoria o meu defuncto amigo Marquez de Pidal, e que foi muito admirada pelo Sr. Eug. Baret que a reproduz †).

Igualmente cremos dever chamar a attenção do leitor sobre a primeira composição das que damos d'Affonso Sanches, filho natural de D. Diniz. Era ella dos que chamavam tençom, mui parecida aos cantares ao desafio, ainda hoje conhecidos entre os camponios em Portugal, que de ordinario as entoam á desgarrada, isto é em uma toada identica ás que na Andaluzia chamam cañas, ou á que ainda hoje cantam os Arabes, quando suas caravanas estacionam no Deserto.

---

†) „Les Troubadours.“ 2<sup>e</sup> édition, Paris 1867, pag. 208.

Das vinte composições que no grande Cancionciro se dizem „d'elrei D. Affonso de Castella e Leon,“ e que se attribuiram todas a Alonso X., escolhemos as tres que mais nos agradaram, e em outro lugar trataremos de averiguar a quem, pelo estylo e pelo assumpto, parecem pertencer.

Encerramos a nossa collecção com a unica trova em castelhano que ha no codice. E' inquestionavelmente de Alonso XI, e damol-a com bastante differença, não já da incorrectissima versão publicada por Wolf †), mas de varias das indicações que para corrigil-a propoz o venerando Diez ††).

A comparação entre a que publicamos e a que dá Wolf descobrirá ao leitor a

---

†) Studien zur Geschichte der span. und portug. Nationalliteratur u. Berlin, 1859, pag. 707.

††) Ueber die erste port. Kunst- und Hofpoesie u. Bonn 1863, pag. 107. Veja-se a nota sobre esta poesia.

nova especie de paleografia, de que muitas vezes tivemos que valer-mo-nos para chegarmos a decifrar certas palavras, algumas vezes só por uma verdadeira inspiração, ensaiando varias syllabas, e vendo qual quadrava melhor ao verso e ao numero de ligações das letras do manuscrito.

Não faltarão escrupulosos que desejariam antes possuir essas passagens, assim erradas, como se acham. Tratando-se de um manuscrito fiel e correcto, poderia ser rasoavel a exigencia de uma cega fidelidade da parte do editor. Porém para o de que se trata, cremos que semelhante servilismo (alias mais commodo e facil para o editor) seria nada menos que absurdo, e poria muitas vezes o leitor no caso de não entender o que lia. Preferimos pois o systema de offerecer o texto correcto, segundo entendemos, e consignar em notas as competentes observações.

Quanto á orthografia, adoptamos as mesmas bases, que seguimos quando resol-

vemos pôr ao alcance de todos, sem a minima dependencia de noções paleograficas, as trovas que Stuart em 1823 fizera imprimir para mui poucos, em typos fundidos de proposito e com abbreviaturas. Essas bases se reduzem:

1°. A juntar as syllabas da mesma palavra, e a separar as evidentemente compostas de duas ou mais.

2°. A desfazer todas as abbreviaturas, a introduzir a pontuação, e a preferir, sempre quenão prejudique e altere a maneira de pronunciar, a ortografia moderna.

Deste modo distinguimos, como hoje fazemos por meio do accento o *vós*, pronome pessoal, do *vos* possessivo; isto é escrevendo sempre *vós* e *vos*, em vez de *vos* e *vus* †).

---

†) O *vos* sem accento lê-se em portuguez quasi como *vus*, do mesmo modo que *amamós* se lê quasi *amamus*. Assim o uso do accento para desde logo indicar ao leitor o *o* bem

Pela mesma razão evitaremos o abuso do y substituindo-o nas palavras triviaes por i, e não escreveremos et a conjunção e, como se lê com irregularidade em uma ou outra canção, provavelmente por pedantismo do copista, pois não devia ser pronunciado o t.

Igualmente escreveremos hũa e não hunha, orthografia esta que induziria algum leitor a crer que devia ler infalivelmente un-ha; quando pelo contrario estamos persuadidos que esta palavra se soletrou un-ha: e em todo o caso a orthografia hũa deixa a esse respeito toda a liberdade para cada um pronunciar como julgue que pronunciaría o trovador.

Em troco destas pequenas liberdades que julgamos do nosso dever tomar, imitando

aberto, é lhe de tanto auxilio como uso da pontuação; e não haveria motivo para termos maior liberdade em admittir a introdução desta, quando falta quasi completamente no manuscrito.

a outros que nos precederam neste caminho, cremos que os apaixonados da antiguidade se darão por indemnizados, vendo as trovas em typo que imita quanto é possível o francez quasi contemporaneo, já que o original dellas se deve considerar perdido. Aos leitores que antes as desejariam em typos modernos pedimos que se resignem, ja que em seu favor cedemos em outros pontos; tanto mais quando não deixarão de reconhecer que a edição vae assim inquestionavelmente mais artistica, e que os caracteres imitando o manuscrito, pela mesma maior attenção que requerem da parte do leitor, poderão contribuir a que elle venha a restituir a algum verso a sua primeira leitura, se n'um ou n'outro lugartivermos nós indevidamente lido v. gr. *en* por *eu*, etc.

Para não invadir as trovas com prosaicas notas modernas, quando haja lugares ou passagens que as requeiram, fique entendido que o numero da canção servirá como



de chamada á competente nota que irá no fim do livro.

Juntamos a esta noticia uma lista dos trovadores contemplados no Cancioneiro, e cujo numero não deve descer de cento e quinze, dos quaes quatorze pelo menos (segundo nossos estudos até hoje) tem composições no Codice attribuido ao Conde de Barcellos. Os que comprehendemos no nosso Cancioneiro, e que são todos distinctos dos mencionados quatorze, vão designados com um asteriseo.

Depois do nome de cada trovador indicamos entre parenthesis o numero, pelo menos aproximado (pois algumas canções necessitam ser ainda mais estudadas para se poderem acaso melhor destacar) das trovas suas que se acham no Cancioneiro, e isto por parcellas que designam os grupos dellas, pela mesma ordem em que estão no Codice. Os numeros que vão em *italico* referem-se ás cantigas satyricas que estão no fim do vo-

lume, segundo ja deixámos dito. Em vista d'esses numeros reconhecerá o leitor que apenas proxicamente uma quarta parte dos trovadores figura no Codice com mais de oito composições; outra quarta apenas com uma ou duas, e devemos acrescentar que ás vezes são ellas bem insignificantes. Das outras duas quartas partes, em uma proxicamente contam os trovadores de sete a oito, e na outra de tres a seis composições.

## Lista alfabetica

dos

### Trovadores do Cancioneiro da Vaticana.

1. Alonso Mendes de Besteiros (3).
2. Affonso\* (D.) rei de Castella e Leon (21).
3. Affonso\* (D.) XI. vencedor em Tarifa (1).  
Affonso Annes ( $\frac{1}{2}$ ).
4. Affonso Annes do (ou de) Cotom (1).  
Affonso Annes de Cordu (3).  
Affonso de Cotom (2 + 11).
5. Affonso Fernandes Cubel, Cavaleiro (1).  
Affonso Fernandes (2).
6. Affonso Gomes, jograr de Sarria (1).
7. Affonso (D.) Lopes Bayão (2 + 4 + 3). †)

---

†) Lavanha 222, n. 14.

8. Affonso Paes de Bragança (5).
9. Affonso (D.) Sanches filho d'elrei D. Denis (12).  
Affonso (D.) Sanches (2).
10. Ayras Carpancho (7).  
Ayras, engeitado †) (4).
11. Ayras Nunces\*, Clerigo (14 + 1).
12. Ayras Paez, jograr (2 + 2).
13. Ayras Vacz (3).
14. Ayras Perez (3 + 8).
15. Bernal de Bonaval\* (15 + 25).
16. Calisteo (ou Galasteo) Fernandes (2).
17. Denis\* (D.), rei de Portugal (128).
18. Diogo Pezelho, jograr (1).
19. Estevam Coelho (2).
20. Estevam Hernandes Bereto (vej. depois de 38) (1).
21. Estevam Fernandes d'Elvas (4 + 3).
22. Estevam da Guarda (6 + 22).

---

†) Será algum dos vizinhos designado pela alcunha?

23. Estevam Perez Froyam (Froias? Wolf Noyam e Fouam) (1).  
24. Estevam Reymondo (3).  
25. Estevam Trabanca (Wolf Trauerca) (4).  
26. Fernam (D.) Fernandes Cogominho †) (3).  
27. Fernam Froyas (Froyam?) (3).  
28. Fernam Gonçalves\* (1).  
Fernam Gonçalves (Wolf Gutierrez) de Seaura (Seabra ou antes provavelmente Senabria) (1).  
29. Fernam de Lugo. ††)  
30. Fernam Padrom (4).  
31. Fernam Rodrigues de Calheiros\* (8+3).

---

†) Já figurava em 1261.

††) Não hesitamos em ler assim o nome do Trovador que umas vezes o copista escreveu Fernando Lago (1) outra Hernam del go (3) e outra finalmente Fernam Desquijo (5). Este ultimo nome principalmente descobre a má leitura

Despujo  
De Lugo.

32. Fernam (D.) Paes de Talamancos (3).  
 33. Fernam Velho (10+2).  
 34. Fernand' Eannes (1).  
 Galasteo Fernandes (vej. 16) (4).  
 35. Garcia Soares (1).  
 36. Gomes (D.) Garcia (O abbade) (2).  
 37. Gonçalo Eamnes do Vinhal (13) ou Gon-  
 salo (D.) Eamnes do Vinhal (9).  
 38. Gonçalo Parro (Gol Parro, Wolf.) (1).  
 Hernandez Barreto (vej. 21).  
 Hernando Rodrigues Redondo (vej. Rodrigo)  
 (1).  
 39. João, jogar, morador em Leon (2).  
 40. João (D.) d'Aboim † (13+2).  
 41. João Ayras,\* (ou D. João Ayras) bur-  
 guez de Santiago (24+48+6).  
 João Basquiz de Talaueyra (vej. João Vas-  
 ques de Talaveira).  
 42. João Baueca ou Baueza (8+14+7).  
 43. João de Cangas\* (2).

---

†) Já figurava em 1264.

44. João Fernandes Dardaleiro (3).  
 45. João Garcia Sobrinho (2).  
 46. João de Gaya, escudeiro (1+5).  
 47. João de Guillade (12+20+3+8).  
 48. João Lobeira †) (1).  
 49. João Lopes d'Ulhoa ††) (7).  
 50. João Mendes de Besteiros (9).  
 51. João Nunes Camanes (5).  
 52. João de Requeixo (5).  
 53. João Romeo (de Lugo) (1).  
 54. João Servando\* (3+4).  
 55. João (D.) Soares Coelho †††) (13+12).  
 56. João Soares da Gaya (o irmão de Mar-  
 tim Soares) ††††) (1).  
 57. João Soares de Panha (alias Paiva ou  
 Pavia) (1).

---

†) Já figurava em 1278.

††) Veja Lavanha 99 n. 3.

†††) Senhor de Boiros: Lavanha 227, nota C.

††††) Este nome não vem especificado no Cancioneiro.

- João Vasques (4).
58. João Vasques ou Basques de Talaveira (8).
59. João Velho (1).
60. João Zorro\* (8).
61. Juyão (Julião) Bolseiro (1+16).
62. Lopo, jogar (3+7).
63. Lopo (D.) Dias † (Liao, Wolf 1+14).
64. Lourenço\*, jogar (1+1+7+4).
65. Martin Annes Morinho (Wolf).
66. Martin de Caldas (6).
67. Martin Campina (2).
68. Martin Codaz (7).
69. Martin Moxa\* ou Moya (14+2).
70. Martin Pedrozelos\* (Wolf, Padrozelos) (10).
71. Martin Perez Alvin (5).
72. Martin Soares<sup>(1)</sup> (11).

---

†) Lê-se Lias, mas ha uma trova do Pero da Ponte que revela o nome.



73. Martin de Vigo †) (6).  
 74. Men Rodrigues Tenoiro ††) (8+1).  
 75. Men Vasques de Folhete (1).  
     Mendinho (Não será um dos de cima?) (1).  
 76. Nuno Fernandes (Wolf, Nuno Freez) (6).  
     Nuno Fernandes Torneol\* (6+1).  
 77. Nuno Perez Sandeu (4).  
 78. Nuno Porco (1).  
 79. Pay (Payo) Calvo (2).  
 80. Pay de Cana, Clerigo (2).  
 81. Pay Gomes Charinho †††) (11+7).  
 82. Pay Soares (3).  
 83. Pedro\* (D.) Conde de Barcellos (3+7).  
 84. Pedro Amigo\* de Sevilha (12+8+4+4)

---

†) Damos este nome ao trovador de Vigo por nome Martin, cujo appellido, como se acha escripto Byzo (Wolf Gilizo), cremos até leitura errada de Vigo ou Bygo.

††) Veja Linhagens de Lavanha 395, n. 3.

†††) Foi, segundo Lavanha, almirante de Castella com D. Sancho, o bravo, que reinou de 1284 e 1295.

- Pedranes Solas (Ssoeaz, Wolf) Vej. 87 (3).  
 85. Pedren Salaz (Solar, Wolf: Vej. 87) (2).  
 86. Pedro (D.) Baez (1).  
     Pedro Garcia Burgalez (V. Pero Garcia)  
     (2).  
     Pedro Solar (1).  
 87. Pereda\* (1).  
 88. Pero Alcobo (Wolf e Grüzmacher: Meo-  
     go) (9).  
 89. Pero Annes Marinho (1).  
 90. Pero Darnea (13+3).  
 91. Pero Dambroa (1+4+1).  
 92. Pero de Bardia (4).  
 93. Pero Barroso (2+7).  
 94. Pero Garcia\* (Vej. Pedro Garcia Bur-  
     galez.  
     Pero Garcia Barroso (3).  
     D. Pero Gomes Barroso (1).  
 95. Pero Gonçalves de Porto Carreiro\* (3).  
 96. Pero Goterres, Cavaleiro (1).  
 97. Pero La Ronco (Wolf Larouco) (2).  
 98. Pero Mendes da (ou de) Fonceca (5+1).

99. Pero d'Ornellas\* (1+1).  
 100. Pero da (ou de) Ponte (7 + 1/2 + 13 + f).  
 101. Pero de Veez †) (3).  
 102. Pero de Viviães\* (2 + f).  
 103. Raymon Gonçalves (1).  
 104. Rodrigo Annes d'Alvares (1).  
 105. Rodrigo Annes Rodondo ††) (1).  
 106. Rodrigo Annes de Vasconcellos (3). †††)  
 107. Roy Fernandes, Clerigo (6).  
     Roy Fernandes (19).  
 108. Roy Martins (4).  
     Roy Martins do Casal (6).  
 109. Roy Paes de Ribela\* ††††) (2 + 4).  
 110. Roy Queimado (4).  
 111. Sancho Sanches (1).  
     Sancho Sanches, clerigo (7).

---

†) Pensamos primeiro se seria este o seguinte em abbreviatura; mas achamol-o por vezes escripto do mesmo modo, pelo que duvidamos.

††) Lavanha 231, 55.

†††) Lavanha 305, n. 11.

††††) De Ruy Paes Viegas trata Lavanha 337.

112. Vasco Gil (1).  
 113. Vasco Peres (3).  
 114. Vasco Peres Pardal (6).  
 115. Vasco Praga de Sande. (4)  
 116. Vasco Rodrigues de Cavelo (4 + 9)  
     Vasco Rodrigues de Caludo (2).

Deixamos de enumerar alguns nomes, quando suspeitamos que eram elles dos mesmos individuos ja designados de outro modo. Neste caso está o de Ayras, Engeitado, que bem pode ter sido em um lugar citado pela alcunha, e n'outro pelo verdadeiro appellido. Assim é mui possivel que no catalogo real delles haja que acrescentar um ou outro mais; porém nunca tantos que faça elevar o numero a cento e vinte e sete distinctos, como supposeram Wolf e Diez. Wolf deixou de fazer menção de Pero Annes Marinho; mas em cambio trata de um Martin Annes Morinho e um Caldeyrom de que não encontramos vestigio na nossa copia, e não tivemos meio de fazer averiguar em Roma.

Quanto aos  
 Inso Annes do  
 Cotom e até o  
 Cotom temos por  
 todos se referem  
 celebre Cotom, Gil  
 segundo um rei d  
 cia ser por isso en  
 os de uma trova  
 lam a sua residen

As minhas jo  
 Meos amigos  
 De Cuetra Bu  
 E de Palença  
 E end'a Cuetra  
 Compre-nos  
 composições, que  
 edição se comp  
 Pero Alcob, mais

ti Trovãs e C  
 de suas pag. 372.

Quanto aos nomes Affonso Annes, Affonso Annes do (ou de) Cotom, Affonso de Cotom e até o proprio Affonso Annes de Cordu temos por mais que provavel que todos se referem ao mesmo trovador, — o celebre Cotom, filhado †) por D. Pedro, que, segundo um rei de Castella trovador, merecia ser por isso enforcado. Os seguintes versos de uma trova do mesmo Cotom nos revelam a sua residencia:

„As minhas jornadas vedes quaes son:

„Meos amigos mentem de femença;

„De Castr'a Burgos e end'a Palença

„E de Palença sair m'a Carrion,

„E end'a Castro“ etc.

Cumpre-nos acrescentar que entre as composições, que deviam fazer parte desta collecção se comprehendiam mais duas de Pero Alcob, mais outra de Affonso Sanches,

---

†) *Trovás e Cantares* — Novas paginas de notas pag. 379.

e uma de Estevam Coelho, as quaes nos apressámos a recolher (depois de estarem na imprensa) apenas fomos informados de que ja se achavam publicadas como amostra, com outras dez mais, no Annuario da litteratura romance e ingleza, de Leipzig. Apenas conservamos uma das de Pero Alcoba (ahi chamado Meogo) por nos parecer mais bella, e por que a reproduzimos mui differentemente, restaurada com o auxilio da critica, que nos obrigou a ler no fim do primeiro verso velida, assoante de fria, e não nena†) que nada significa; a ler igualmente volviau em vez de voluan, para buscar o assoante de fria na terceira copla, e a reconhecer pelo sentido que se deve ler mentiz em vez de mentir, na quinta e sexta coplas, e finalmente a conservar tal qual a encontramos no manuscripto a ultima

---

†) nena  
velida

palavra da quinta  
paremos em uma

Essa cantiga  
nostra incommo  
nova na fonte,  
ta falta, o trovad  
seu triunfo, no m  
xada com a mã

E' quanto j  
cançar ao public  
tate Cancioneiro  
mente de repetir  
as novas pagina  
Cantares, isto é  
cioneiro de Lisboa  
Bavellon.

Se em algum  
seriamos, no ja  
úmas ao publico

palavra da quinta copla, e da qual nos occuparemos em uma nota final.

Essa cantiga é dialogada: a mãe se mostra incommodada porque a filha se demorou na fonte, e cada vez que uma ou outra fala, o trovador exclama no estribilho o seu triunfo, no meio da desintelligencia da amada com a mãe.

E' quanto julgamos conveniente communicar ao publico com respeito ao importante Cancioneiro da Vaticana; deixando somente de repetir aqui quanto publicámos nas „novas paginas“ de notas ás „Trovas e Cantares,“ isto é á edição de Madrid do Cancioneiro de Lisboa, attribuido ao Conde de Barcellos.

Se em alguma noticia ou apreciação desacertamos, no juizo dos entendidos, pedimos ao publico benigna indulgencia.

F. A. de V.

CA



TROVAS

4

CANTIGAS.

4

1 — Er

1j — Jai

1 — Elrey D. Denis

1j — João, jorgal morador em Leon.



**H**y

En la

Hua

Que,

Je ma

Et por

- Se

Torna

Qua

I.

**D**y' o' eu cantar d'amor,  
En hum fremoso vergeu,  
Hua fremosa pastor,  
Que, ao parecer seu,  
Ja mais nunca lh'y par vi;  
E poren dixt-lh' assi:  
— Senhor por vosso vou eu. —

Tornou sanbuda enton,  
Quando m'est' o'yu dizer,

E diss: "ide-vos varon:  
"Quen vos foi aqui trager  
"Para m'irdes destorvar  
"D'ù dig' aqieste cantar,  
"Que fez quen sei ben querer?"

— Pois que me mandades ir,  
— (Dixe-lh'cu) senhor, ir-m'ei;  
— Mais ja vos ei de servir  
— Sempre por voss' andarei,  
— Ca voss' amor me forçou;  
— Assi que por vosso vou  
— Cujo sempr' eu já serei. —

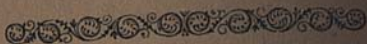
Diz ela: "non vos ten prol  
"Esso que dizedes, nen  
"Mi praz de o oyr sol.

„Ant' ei noj' e pesar en ;  
„Ca meu coração non é,  
„Men será, per boa fé,  
„Senon do qu'eu quero ben“.

— Men o meu, dixc-lh' eu, já  
— Senhor, non se partirá  
— De vós, por cujo s' el ten.

„O meu (diss' ela) será  
„U foi sempre, ù está,  
„E de vós non curo ten“.





II.

**O**s namorados que troban d'amor  
Todos devian gran dó fazer,  
E non tomar ensin' en haver prazer ;  
Por que perderon tan bon senhor  
Com' elrei D. Denis de Portugal,  
De que non pode dizer nenbun mal  
Home, pero aeja profazador.

Os trobadores que pois ficáron  
En o seu reino e no de Leon,  
No de Castela, no de Aragon,  
Nunca pois de sa morte trobáron ;



E dos jograes vos quero dizer  
Nunca cobraron panos, nem aver,  
E o seu ben muito desejaron.

Os cavaleiros e cidadãos  
Daqueste rei avian dizer :  
E se devian con sas mãos poer,  
Outrosi donas e escudeiros,  
Que perderon a tan bon senhor,  
De quen posso eu ben dizer, sen pavor,  
Que non ficou d'al nos Christãos.

E mais vos quero dizer deste rei  
E dos que d'el avian bem fazer ;  
Deitando-se este mundo a perder  
Quand' el morreu ; por quant' eu vi e sei

Ca el foi rei á fam' mui preador,  
E saboroso, e d'amor trobador,  
Todo seu ben dizer non poderai;

Mais tanto me quero confortar  
En seu neto, que o vai semelhar,  
E facer feitos de mui sábeo rei.



11j, 1v, v — Hyras Nunes, Clerigo

vi, vii, viii — João Hyres.





III.

**O**y oj' cu hũa pastor cantar;  
Qu cavalgava per hũa ribeyra,  
E a pastor estaba sensheira:  
E ascondi-me pola ascuitar;  
E dezia mui ben este cantar:

„Sob' o ramo verde froledo,  
Vodas fazem a meu amigo  
Choram olhos d'amor!“

É a pastor parecia mui ben,  
É chorava, e estava cantando :  
É eu, mui passo, fui me achegando  
Pola oyr, e sol nam falei tem ;  
É dezia este cantar mui ben :

„Ay estorninho do avelanal!  
Quando cantades vós, moir' eu ;  
É pen', e d'amores ei mal.“

É eu oyr a suspirar enton,  
É queixar-se, estando con amores ;  
É fazia guirlanda de flores,  
Des y chorava, mui de coraçon ;  
É dezia este cantar enton :

„Que coiza ei tan grande de sofrer!

Amar amigu', e non ousar veer;

E pousarei sob' o avelanal."

Pois que a guirlanda fez a pastor,

Foi-se cantando, indo-s' en manselinho;

E irei m' eu logo a meu caminho,

Ca de a nojar non ouve sabor;

E dezia este cantar ben a pastor:

„Pela ribeira do rio cantando

Ja la sigue d' amor, quen amores,

H', como d' osmas ai nela frol."



IV.

*for*  
**Q**ue muito m' eu pago deste verão,  
 Por estes ramos, e por estas flores,  
 E polas aves que cantan d'amores;  
 Per que ando y ledo, sen cuidado:  
 Assim faz tod' omen namorado,  
 Sempr' y anda led', e mui loução.

*arbores*  
 Quand' eu passo per algũas ribeyras  
 Con boas arbores, per bons prados,  
 Se cantan y passaros namorados.



Rogu' eu, con amores, y vou cantando  
E log' assi d'amores vou trobando,  
E faço cantares en mil maneiras,  
E ei eu gran ris' e grand' alegria,  
Quando m' as aves cantan no estio.





V.

*punhei  
perguntar*

**P**or que no mundus mengou a verdade  
Punhei un dia de a ir buscar,  
E lb' y per ela fui perguntar:  
Disseron todos, allur a buscade;  
Ca de tal guisa se foi a perder  
Que non pode mas en novas aver,  
Men ja non anda na yrmandade.

Nos moesteiros dos frades regrados  
E demandei, e disseron m' assi:  
Non busquedes vós a verdad' aqui.

Ca muitos annos avemos passados  
Que non mor' en nosco, per boa fé;

.....  
E d'al avemos maiores coidados.

E en Oseel ù verdade soia  
Sempre morar, disseron me que non  
Morava y, avia gran sazon;  
Nen frade se y já non conocia,  
Nen o abade us' y non estar;  
Sol non queria que foss' y pousar,  
E anda já fórs da abadia.

En Santiago subalbergado,  
En mba pousada, chegaron romeus  
Preguntet-os e disseron par deus  
Muito levade .lo camin' errado

Ca se verdade quizerdes achar  
Outro caminho convem a buscar  
Ca non saben aqui de demandado.





VI.

**P**elo souto de Crexente  
Hũa pastor vi andar,  
Muit' alongada de gente,  
Alçando voz á cantar,  
Aperrando-se sa sata,  
Quando sayá a rata  
Do sol, nas ribas do mar.

*do mar*

E as aves que voavan,  
Quando saya, canções  
Todas de amor cantavam,  
Pelos ramos d'arredor;

Mais non sei tal que cõrevesse  
Que en al cuidar podesse  
Se non todo en amor.  
Enpero dix', a gran medo:

— Mha senhor fallar vos ei  
Hum poco, se m' ascutrades  
E ir m. ei quando mandades,  
Omais aqui non estareis. —

„Senhor por santa Maria  
„Non credes mais aqui;

- „Mais idc vos vosses vis,  
„Faredes mesura y:  
„Ça os que aqui çbegaren,  
„Pois que vos aqui acharen,  
„Ben dirán que mais ouvi.“



VII.

**N**eu senhor rei de Castela  
 Venho m' eu vos querelar:  
 Eu amet hũa donzela  
 Por que m' ouviates trobar;  
 O con quen se foi casar,  
 Por quanto eu la bendixi.  
 Quer m' ora por en matar.

Venh' ora por en útretro  
 E quietx', per ante vós dar:  
 El ouve de mi dispetro,  
 E mandou me desastiar:  
 Non me oset alá morar.



Venh' a vós que m' enparedes ;  
Ca non ei que m' enparar.

Senhor ! per Sancta Maria,  
Mandad ante vós chamar  
Ela e min, algum dia :  
Mandade-nos razeoar ;  
Se s' ela de mi queixar  
De nulha ren, que eu dissesse :  
A sa person' quer' eu tuar.

Se mi justiça non val,  
Ante Rei justiceiro,  
Ir-m.hei ao de Portugal.



VIII.

**H**ũa dona (non digu' eu qual)

Mon agoitou ogano mal,

Polas oitavas de Natal.

Ja por sa missa oyr

E viu corvo Carnaçal

E nom quiz' da casa sayr.

A dona mui de coraçon

Oyra sa missa enton ;

E foi por oyr o sermón,  
E veedes que lhe soy partir.  
Ouve signa corvo Çaron  
E non quiz' da casa sayr.

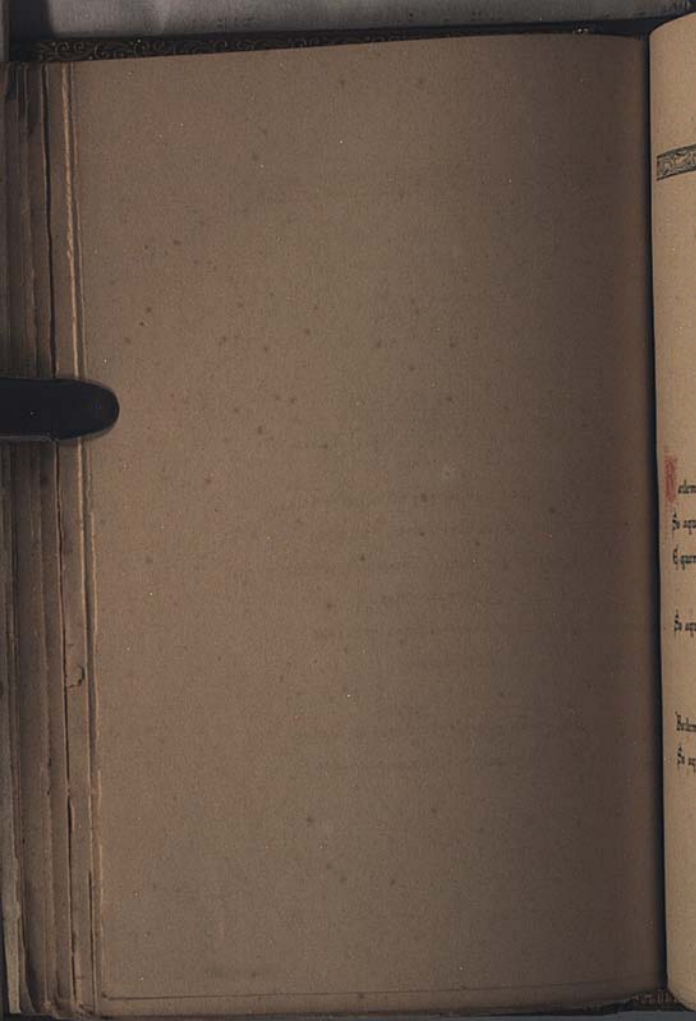
A dona disse que será?  
E y o dosign' está já;  
Revestida, mal dizer.m'.á,  
Se me na igreja non ir;  
E dis' o corvo qu a cá,  
E non quiz' da casa sayr.

Nunca taes agoiros vi  
Des aquel dia que naci;  
Com' a quest' ano ouv' aqui;

E' da quiz provar de s' ir,  
E' ouvy corvo sobre si  
E' non quiz' da casa sayr.



IX, X, XI, XII] — João Zorro.



IX.

**B**ailemos agora, por deus, as velidas,  
So aquestas avelanciras frohidas;  
E quem for velida, como vós velidas,  
Se amigo amar,  
So aquestas avelanciras granadas  
Verrá bailar!

Bailemos agora, por deus, as loadas,  
So aquestas avelanciras granadas;

É quem for loada, como vós loada,  
Se amigo amar,  
So aquestas avelanciras granadas,  
Verrá bailar!





*Capitula. Poética de  
imaginação.*



x.

Rei de Portugal

Barcas mandou lavar :

E lá irá nas barcas migo,

Mba filha, o voss' amigo!

Rei portuguez

Barcas mandou fazer :

E lá irá nas barcas migo,

Mba filha, o voss' amigo!

Barcas mandou lavar

E no mar as deitar :

E lá irá nas barcas migo,

Mha filha, o voss' amigo !

Barcas mandou fazer.

E no mar as meter :

E lá irá nas barcas migo,

Mha filha, o voss' amigo !



XI.

En Rixboa, sobre lo mar,  
Barcas novas mandei lear:  
Ai mha Senhor velida!

En Rixboa sobre lo ler  
Barcas novas mandei fazer:  
Ai mha Senhor velida!

Barcas novas mandei lear  
E no mar as mandei deitar:  
Ai mha Senhor velida!

Barcas novas mandei fazer.  
E no mar as mandei meter;  
At mba Senbor velida!





XII.

Pela ribeira do rio Salado  
Trebелhet, madre, co' meu amigo

Amor ei migo,  
Que non ouvesse;  
Fiz por amigo,  
Que non fezesse.

Pela ribeira co' meu amado  
Trebелhet, madre, co' meu amado:

Amor ei migo,  
Que non ouvesse ;  
Fiz por amigo,  
Que non fezesse.

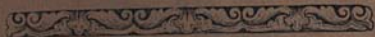


XIIJ, XIV, XV e XVJ — Nuno Fernandes  
Torneol

XVIJ e XVIIJ — Pero Gonçalves de Porto  
Carreiro.







XIII.

Que coita tamanha ei a sofrer  
Por amar amigo e non o veer;  
E pousarei so lo avelanal.

Que coita tamanha ei endurar  
Por amar amigo e non lbe falar;  
E pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non lbe falar,  
Non lb'ous' eu a coita que ei mostrar;  
E pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non veer,

Non lh' oue' eu a coita que ei dizer :

E pousarei so lo o avelanal.

Non lh' oue' eu a coita que ei dizer,

E non me dan seus amores lezer :

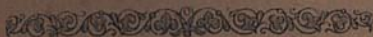
E pousarei so lo avelanal.

Non lh' oue' eu a coita que ei mostrar,

E non me dan seus amores vagar :

E pousarei so lo avelanal.





XIV.

**L**evad' amigo, que dormides as manhanas frias,

Todas las aves do mundo d'amor dizian:

Reda m' and' eu!

Levad' amigo, que dormides as frias manhanas,

Todas las aves do mundo d'amor cantarian:

Reda m' and' eu!

Todas las aves do mundo d' amor dizian  
Do meu amor, e do vosso eu mentaria:  
Reda m' and' eu!

Todas las aves do mundo d' amor cantarian:  
Do meu amor, e do vosso eu mentaria:  
Reda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:  
Vós lhes tolhestes os ramos en que s'otiam:  
Reda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:  
Vós lhes tolhestes os ramos en que s'otiam:  
Reda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria :  
Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam :  
Red' m' and' eu !

Do meu amor, e do vosso eu mentaria :  
Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam :  
Reda m' and' eu !

Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oiam,  
E lhes secastes as fontes en que beviam :  
Reda m' and' eu !

Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam,  
E lhes secastes as fontes ú se banhavam :  
Reda m' and' eu !



**F**ej' eu mba madr' andar  
 As barcas en o mar;  
 E moiro-me d'amor!

Fui eu mba madre veer,  
 As barcas en o ler;  
 E moiro-me d'amor,

As barcas en o mar,  
 E foi-las a guardar;  
 E moiro-me d'amor!

As barcas en o ler,  
E foi-las atender ;  
E moiro-me d'amor !

E foi-las á guardar,  
E non o pude veer ;  
E moiro-me d'amor !

E non o achet y,  
Quen eu por meu mal vi ;  
E moiro-me d'amor !



xvi.

**A**qui veio, filha, o voss' amigo  
O porque vos baralhades migo;  
Delgada!

Aqui veio, filha, o que amades.  
O porque vos migo baralhades;  
Delgada!

O porque vos baralhades migo.  
A que tolh' eu ben, pois é voss' amigo.  
Delgada!



O porque vós migo baralhades  
Quero lh' eu ben, pois qu' o vós amades.  
Delgada!



xvii.

**P**or deus, corrada sigo,  
Pois non ven meu amigo;  
Pois non ven, que farei?  
Meus cabelos, comsigo,  
Eu non os liarei.

Pois non ven de Castela  
Non é viv', ai mesela  
. . . . . elrei  
Mais, toucas da Estrela,  
Eu non vos tragerei.

Ca vem o meu amado.  
Fremosas, a deus grado,  
Ca vem o meu amado!

Ca novas me disseron  
Que vem o meu amigo;  
C' and' eu mui leda,  
Pois tal manda dei migo,  
Pois tal manda dei migo  
Que ven o meu amigo.

Ca novas me disseron  
Que ven o meu amigo:  
C' and' eu mui leda,

E cuido sempre no meu coraçon;  
Pois non cuid' al, des que vos vi,  
Senon en meu amigo,

E d' amor sei que nulb' ome ten.  
Pois mig' é, tal mandado:  
Que ven o meu amado:



Pero m' eu leda semelho  
Non me sei dar conselho  
Amigas que farei?  
En vós, ai meu espelho,  
Eu mais non me verrei:!





XVIII.

**O** anel do meu amigo  
Perdi-o so lo verde pino:  
E chor' eu bella!

O anel do meu amado  
Perdi-o so lo verde rayão:  
E chor' eu bella!

Perdi-o so lo verde rayão;  
Poren chor' eu dona d' algo:  
E chor' eu bella!

Perdi.o so lo verde pino ;  
Poren chor' eu Dona Vigo :  
E chor' eu bella !







XIX e XX — Fernão Rodrigues de Galbetros.

XXI e XXII — Bernal de Bonaval.

XXIII e XXIV — Martin de Vigo.



XIX.

**P**erdud' et, madre, euid' eu, meu amigo.  
Macar m' el viu sol, non quiz falar migo:  
Minha soberba m' o tolheu  
Que fiz o que m' el defendeu:

Macar m' el viu sol, non quiz falar migo  
Eu vi.o, fiz que non, por seu castigo:  
Minha soberba m' o tolheu  
Que fiz o que m' el defendeu:

Eu vi.o, fiz que non, por seu castigo,  
Que . . . . . ora, quando digo:  
Minha soberba m' o tolheu  
Que fiz o que m' el defendeu.

E sei m' eu tanto' qual ben m' el querria  
Que non meti mentes no que fazia:  
Minha soberba m' o tolheu  
Que fiz o que m' el defendeu.

Que non meti mentes no que fazia  
E fiz pezar a quem m' o non faria:  
Minha soberba m' o tolheu  
Que fiz o que m' el defendeu.

E fiz pezar a  
E carnou a' en  
Minha sob  
Que fiz o



E fiz pezar a quem m' o non fazia  
E tornou s' en sobre mi a folta  
Minha soberba m' o tolheu  
Que fiz o que m' el defendeu.



**V**irei-vos agora, amigo,  
 Camanho tempo passado,  
 Que non pude veer couza,  
 Onde ouvesse gasalhado.  
 Des que vós de mi partistes,  
 Ta aora que me vistes.

Des oj' mais andarei leda,  
 Meu amigo, pois vos vejo  
 Qu' a muito que non vi couza  
 Que me tolhesse o dezejo,  
 Des que vós de mi partistes  
 Ta aora que me vistes.

Des oij' mais non vos vsades  
Se amor queredes comigo,  
Ca jamais non ar foi ledo  
Meu coraçõ, meu amigo,  
Des que vós de mi partistes,  
Ta aora que me viestes.



XXI.

**F**remosas, a deus grado.

Tan bon dia comigo

Ca novas me disseron

Que ven o meu amigo:

Que ven o meu amigo

En tan bon dia migo!

Tan bon dia comigo

Fremosas, a deus grado,

Ca novas me disseron



xxii.

**D**isse a fremosa en Bonaval assi;  
Ai deus! Tu é meu amigo daqui  
De Bonaval.

Quyd' eu coyrad' en o seu corazon;  
Porque non foi migo na sagrayon  
De Bonaval.

Pois eu migo seu mandado non ei;  
Ja m' eu leda parrir non poderi  
De Bonaval.

Pois m' oje seu mandado non chegou,  
Murro viv' eu mats leda, ca me vou  
De Bonaval.



**M**ha r  
Juda  
H b J  
U i o m  
E m  
  
Mha r  
Juda  
H b J  
U i o m  
E m

xxiii.

**M**ha irmana fremosa  
Iredes comigo  
A la Igreja de Vigo.  
U é o mar salido :  
E miraremos las ondas . . .

Mha irmana fremosa,  
Iredes de grado  
A la Igreja de Vigo;  
U é amor levado :  
E miraremos las ondas . . .

A la Igreja de Vigo.

¶ o amor salido

¶ verá y madre

O meu amigo.

¶ miraremos las ondas...

A la Igreja de Vigo

¶ o amor levado:

¶ verá y madre

O meu amado.

¶ miraremos las ondas...



xxiv.

**N**on poss' eu, madre, ir a Santa Cecilia,  
Ca me guardades a noite e o dia  
Do meu amigo.

Non poss' eu, madre, ver gasalhado.  
Ca me non leixades fazer mandado  
Do meu amigo.

Ca me guardades a noit' e o dia;  
Morrer.vos.et con aquesta perfia,  
Por meu amigo.

Ca me non leixades fazer mandado,  
Morrer.vos.ci con aqueste cuidado  
Por meu amigo.

Morrer.vos.ci con aquesta perfia ;  
E se me leixassedes ir, guarria  
Com meu amigo.

Morrer.vos.ci con aqueste cuidado ;  
E se quiserdes irer, mui de grado,  
Com meu amigo.



- XXV — Pero d' Ornellas  
XXVI — Pay Soares  
XXVII — Pedro Garcia, Burgales  
XXVIII — João Servando  
XXIX — João de Cangas  
XXX — Ruy Pass de Ribela.

103

**N**

X  
E  
C

E  
E  
N  
E



xxv.

**N**ostro Senhor e ora que será  
Daquel' que sempre coitado viveu  
E vive? Cuidará poren ser sandeu;  
Ca sabe ben que nunca perderá  
Esta coita, ca non quer sa Senhor.

E que será do que quiz mui gran ben,  
E quer aquen lh' o non quer agradecer,  
Non lhe quer, por ende outro ben fazer?  
E sabe que non perderá, per ren,  
Esta coita, ca non quer sa Senhor!

É que será do que sempre servir  
Senhor que lhe quiz e quer poren mal  
É nunca lhi pois quiz fazer al?  
É que nunca desi pôde partir  
Esta coita ca, non quer sa Senhor?

Nosso Senhor e ora que será  
Daquel' que sempre coitado viveu  
É vive? Cuidará poren ser sandeu;  
Ca sabe ben, que nunca perderá  
Esta coita, ca non quer sa Senhor.



xxvi.



meu amigo que me dizia

Que nunca mais migo viveria

Por deus donas aqui é ja!

Que muito m' el havia jurado

Que me non visse, mais, a deus grado,

Por deus donas aqui é ja!

O que juraba que me non visse,

Pero non sei todo quant' el disse,

Por deus donas aqui é ja!

Melhor fez ca o non disse :  
Por deus donas aqui é ja!



xxvii.

**A** madre! Ben vos digo,  
Mentiu m' o meu amigo:  
Sanbuda and' eu!

Do que m' ouve jurado;  
Pois mentiu, per seu grado,  
Sanbuda and' eu!

Non foi oje sa via;  
Mas ben, des' aquel dia,  
Sanbuda and' eu!

Non e' de mi partito;  
Mais, porque m' á mentido,  
Sanbuda and' eu!



xxviii.

**D**ra van a San Servando  
Donas fazer romaria,  
E non me leixam com elas  
Ir, ca log' alá iria;  
Porque ven y meu amigo.

Se eu foss' en tal companhia  
De donas, fôra guarida;  
Mas non quiso mba madre,  
Que fizess' eu de la ida.  
Porque ven y meu amigo.

Tal romaria de donas,  
Vai alá, que non á par,  
E fora oj' eu com elas,  
Mais non me queren leixar;  
Porque ven y meu amigo.

Nunca me ame madre mia,  
Se d' ela non for vingada;  
Porque oj' a San Servando  
Non vou, e me tem guardada;  
Porque ven y meu amigo.





xxix.

**A**migo, se me grande ben queredes  
Ide a San Mamede, veer. m'edes  
Oje, non me y mancades amigo.

Pois m'aqui ren non podedes dizer,  
Id' u ajades comigo lazer  
Oje, non me y mancades amigo.

Sereis vós en San Mamede do mar  
Na ermida, se me o deus aguisar,  
Oje, non me y mancades amigo.





xxx.

**M**ala ventura me venba  
Se eu pola de Belenba  
D' amores et mal.

Et confonda me San Marcos  
Se eu pola Donzela d' Arcos  
D' amores et mal.

Mal me venba cada dia  
Se eu per Dona Maria  
D' amores et mal.

Fernand' Escalho me pique  
Se eu pola de Vilb' Henrique  
D' amores ei mal.



- xxxj — Martin Pedrozcos  
xxxij — Górevan Hernandez Berero, Ca-  
valheiro  
xxviiij — Mcendinho  
xxxiv — Pereda  
xxxv — Inyão Bolaciro  
xxxvj — João de Requeixo.

122

**P**  
M  
D  
C

P  
Q  
E  
S

xxxj.

**P**or deus que vos non pes,  
Mha madre, mha Senhor,  
D' ir a San Salvador  
Ca si oje y van tres  
Fremosas, eu seret  
A hũa, ben o sei.

Por fazer oraçon  
Quer' oj' eu alá ir;  
E por vos non mentir  
Se oj' y duas son  
Fremosas, eu seret  
A hũa, ben o sei.

Ye' meu amig' ay!

Madre ilo. ei veer,

Por lhe fazer prazer:

Se oj' y' hũa vai

Preemosa, eu serci

A hũa, ben o sei.





xxxii.

**S**rev' Ganes! Por deus mandade  
A Roy Pa . . . logo este dia,  
Se quizer ir a Santa Maria,  
Que se non vaa pela Trindade;  
Ca me dizem que lh' y tem Fernanda  
Cilada feita pela gafaria.

S' a romaria fazer quizer,  
Como a sempre fazer soya,  
Outro caminho tante todavia;  
Ca o da Trindade non lh' é mester;  
Ca me dizem que Fernanda lhi quer  
Merer cilada pela gafaria.

E cada . . . que el ven a Santarem  
Sempre alá vai fazer romaria;  
Do da Trindade porem que soya  
D' ir, mandade que se guard' el muy ben;  
Ca me dizem que Fernanda lhi ten  
Cilada feita pela gafaria.



xxxiii.

**S**eria.m' eu na ermida de San Simon  
E cercaron m' as ondas que grandes son:  
E eu atendend' o meu amigo . . . .  
E eu atendend' o meu amigo ! . . .

Gerando na ermida ante o altar,  
Cercaron.m' as ondas grandes do mar:  
E eu atendend' o meu amigo . .  
E eu atendend' o meu amigo ! . . .

Cercaron-m' as ondas que grandes son  
Non ei barqueiro nem remador :

É eu atend' o meu amigo...

É eu atend' o meu amigo!..

Cercaron-m' as ondas do outro mar  
Non ei barqueiro, nem sei remar!

É eu atend' o meu amigo...

É eu atend' o meu amigo!...

Non ei barqueiro nem remador!  
Morrerets, fremeosa, no mar maior :

É eu atend' o meu amigo...

É eu atend' o meu amigo!...

Non ei barquetto nen sei remar :

Morreret, fremosa no alto mar

È eu atendend' o meu amigo . . .

È eu atendend' o meu amigo ! . . .



xxxiv.

**M**orta é Dom Martin Marcos:

Ai deus se é verdade,

Sei ca, s' é ele moro,

Morta é torpidade,

. . . . .

E morra é, cuidade,

Morra é covardia,

E morra é maldade.

Se Don Martin é morto  
Sempre ten sa bondade;  
Oje mats, máos costumes,  
Otto senhor carade!  
Mais non o acharedes,  
De Roma acá andade.  
Se tal senhor queredes,  
Alhures demandade

Pero chus, cavaletros,  
Sei eu, en caridade,  
Que vos avidaria  
Tolher d' el soydade;  
. . . . .  
Mais que vos diga ben verdade  
Non es rei nen conde,  
Mais outra potestade,

Que non dicit  
Que . . . dicit . . .  
Que non dicit.





xxxv.

**F**ez hũa cantiga d' amor  
Ora meu amigo por mi,  
Que nunca melhor feita vi;  
Mais como x' é mui trobador,  
Fez hũas liras no son,  
Que mi sacam o coraçõn.

Muito bem se soube buscar  
Por mi, ali, quando a fez,  
En loar-me murr' en meu prez;

Mais de pran por xe mi matar,  
Fez hūas lrias no son,  
Que mi sacam o coraçon.

Per boa fé, ben baraton  
De a por mi bda fazer,  
E muiro lh' o sei agradecer;  
Mais vedes de que me marou:  
Fez umas lrias no son,  
Que mi sacam o coraçon.



xxxvi.

**F**ui eu madr' en romaria  
A Faro, con meu amigo,  
E venho d' el namorada;  
Por quanto falou comigo:  
Ca me jurou que morria  
Por mi, tal ben me querria.

Leda venho da hermita,  
E desta vez leda serrei;  
Ca falei a meu amigo

O que sempre desejei :

Ça me jurou que morria

Por mi, tal ben me querria.

D' ú m' eu vi co' meu amigo

Vin leda, deus me perdon,

Ça non lbi ciud' a mentir,

Por quanto m' el disse' enton :

Ça me jurou que morria

Por mi, tal ben me querria.



xxxvii.

**P**er quant' eu vejo  
Penso é desejo  
Ei coitras, pesar,  
Buscando u sejo  
O cōr m' etoá rejo;  
Que me faz cudar  
Ca pois Franquesa  
Proesa

Venceu escaceza

Non sei que pensar.

Vej' eu Molesa,

Malesa

Peresa, Sortlesa

O mundo tornar.

Já de verdade,

Men de lealdade

Non ouso falar :

Ca falsidade,

Mentira e maldade

Non lhi dan logar.

Esras son nadae

E criadas

Esventuradas

E queren reinar!

XXXVIJ — Martin Moxa

XXXVIIJ — Atribuida uma vez a Moxa  
e outra ao que segue:

XXXIX — Lourenço jogar

XL — Pero de Viviães

XLIJ — Pero Alcobo

XLIIJ — Fernam Gonçalves

XLIIJ — Pedr' Amigo.





Qada dia  
Ei de falecer

D' ar que valia  
Compria  
Seu tempo,  
Fogia  
Partia  
A esconder.



xxxviii.

**A**ós que soedes en Corte morar,  
Destes privados querria saber  
Se lhes hade privaça muito durar;  
Ca os non vejo dar, nem despendar,  
Ante os vejo tomar e pedir;  
E o que lhes non quer dar ou servir,  
Non pode ren com elrei adubar.

Destes privados non sei novelar,  
Senon que lhes vejo mui gran poder;  
E grandes rendas e casas guaañar,

As nossas fadas  
Iradas  
Son chegadas  
Per este fadar.

Zouvan' as antes:  
E, per sitiántes  
Amores e poder  
Huns joglares  
Sus nobres falares  
Soyam dezer.  
Veij' alongados  
Deitados  
Do mundo, i vedados  
E a se perder;  
Veij' achegados  
Zoados

De muitos amados  
Os de mal dizer.

Pela creticia  
Per que se soya  
Todo ben reger,  
Par cortesia  
Solas que avia  
Fremoso poder.  
Quand' alegria  
Vevia  
No mundo, fazia  
Murr' al que prazer.

Foi-se sa via;  
E desia,

E vejo os grandes muito empobrecer  
E con proveza da grassa cair.  
E ha elrey sabor de os ouvir,  
Mais eu non sei que lhe van conselhar.

Sodes de Corte, e non sabeades ren  
Ca mester faz a cad' ome que dé,  
Pois a' Corre per lidar algo ven;  
Ca se dar non quer, per seu sabor é,  
Pois na Corte home non hvra por al.  
Pense de dar, non se trabalhe d'al;  
Ca os privados queren que lhes deen.



xxxix.

**T**res moças cantavam d' amor,  
Mui fremosas mbaas pastores  
Mui coitadas dos amores:  
E disse hũa, mba senhor,  
„Dised' amigas comigo  
„O cantar do meu amigo“.

Todas tres cantavan mui ben,  
Come moças namoradas;  
E dos amores coitadas,  
E diss' a porque perc' o sen  
„Dised' amigas comigo  
„O cantar do meu amigo“.

Que grande sabor eu avia  
De as oyr cantar enton,  
E proguermi de coraçon  
Quando mha senhor dizia:  
„Dised' amigas comigo  
„O cantar do meu amigo.

E se as eu mais oysse  
A que gran sabor estava  
E que muito mi pagava  
De como mha Senhor disse:  
„Dised' amigas comigo  
„O cantar do meu amigo“.



**P**ois nossas madres van a San Simon,  
 De Val de Prados candéas queimar,  
 Nós as meninas punhemos d'andar  
 Con nossas madres, e elas enton  
 Queimen candéas per nós e per si,  
 E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos todos la irán  
 Por nos veer; e andaremos nós  
 Bailando ant' eles, fermosas, sós;



¶ Nossas madres, pois que alá van,  
Queimen candeas per nós e per si  
¶ e nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos irán per couzir  
Como bailamos, e poden veer  
Bailar moças de bon parecer,  
¶ e nossas madres, pois la queren ir,  
Queimen candeas per nós o per si,  
¶ e nós meninas bailaremos y.



**D**igades filha, mba filha velida,  
 „Porque tardastes na fontana fria?“  
 Os amores ei! —

„Digades filha, mba filha louçana,  
 „Porque tardastes na fria fontana?“  
 Os amores ei! —

Tardei, mba madre, na fontana fria,  
 „Cervos do monte a augua volviã?“  
 Os amores ei! —

Tardei, mba madre, na fria fontana,  
Cervos do monte volviam a augua.

Os amores ei! —

„Mentis, mba filha, mentis por amigo  
„Nunca vi cervo que volvesse a rio.

Os amores ei!

„Mentis, mba filha, mentis por amado,  
„Nunca vi cervo que volvesse' alho.

Os amores ei! —



**D**utros vej' eu que, con gran mengua de sen,  
 An gran favor de me dizer pezar,  
 E todoslos que me veen preguntar  
 Qual est a dona que eu quero ben:  
 Vedes que sandez é, que já loucura  
 Non catan, nem ar catan mesura;  
 Nen catan mi, a que non pesa mui ben.





xliii.

**M**ayor Garcia tan pobr' ogano  
Que nunca tan pobr' outra molher vi,  
Que, se non foss' o arcediano,  
Non avia que deitar sobre si;  
. . . . . o datam  
E por aquello que lh' antr' ambos dam  
And' ela toda coberta de pano.



XLV —  
XLVI  
XLVII e  
— D.

- XLIV — D Alfonso Sanchez  
XLV, XLVJ e XLVIJ — Conde D. Pedro  
XLVIJ e XLIX — Etrei D. Alfonso de Cas-  
tella e Leon  
I. — D. Alfonso XI.



asci

Et verba

De que

Quo a

Uyde n

Pen vos

Mura

Almas

et para

ta raba



124.

Vasco Martins, pois vós trabalhades  
E trabalhastes de trobar d' amor,  
Do que agora, por nostro Senhor,  
Quero saber de vós, que m' o digades.  
Dizede m' o, ca bem vos estará,  
Pois vos ésta por quen trobastes já  
Morreu, por deus, porque trobades?

Afonso Sandes, vós preguntades  
E quero vos eu fazer sabedor;  
Eu trobo e trobei pela melhor

„Dona que deus fez; esto le ajades  
„Esta do coraçon non me saltrá  
„Sed' tendrei seu ben se mi o fará:  
„E vós al de mi saber non queirades.

„Vasco Martins, vós non respondedes:  
„Nem entendo, assi veja prazer,  
„Porque trobades, que ouvi dizer  
„Que aquela por quem trobad' avedes,  
„E que amastes vós mais d'outra ren,  
„Que vos morreo, de gran temp' é; por en  
„Pola morra trobar non debedes“.

„Afonso Sanches, pois non entendedes  
„A que guisa vos eu fui responder,

„A mi en culpa non deveis poer ;  
„Mais a vós, se o saber non podeis :  
„Eu trobo pela que m' en poder tem ;  
.....  
„Pois minha é, amo como o vedes.

„Vaasco Martins, pois vos morreo por quen  
„Sempre trobastes, maravilho m' en  
„Pois vos morreo, como non morredes“ ?

„Afonso Sanches vós sabede ben  
„(Que o) que ama é com perda de sen :  
„Apoz que trobedes, sabelodes“ !



**Q**ue muito bem me fez nosso senhor,  
Aquel dia en que m'el foi mostrar  
Hũa dona que fez melhor falar  
De quantas fez, e parecer melhor;  
E o dia en que me a fez veer  
E quiz albi que foss' en seu poder  
U me podia nunca mais vedar.

E pois eu nunca d'outra ren sabor  
Posso' atender, para me conselhar,  
Muit ben posso con verdade jurar,  
Pelos que dizem que an mal d'amor,  
Que con verdade non podem dizer  
Porque cuidan d'y tomar gran prazer.  
O que a mi nunca pode chegar.

Nem speranza nunca posso' aver,  
Com' outros an, d'algun ben atender;  
Pois eu meu ben nunca posso cobrar.



**T**al sazon foi en que eu já perdi  
 Quanto ben houve, nem cuido aver,  
 Que p'ar podesse a outro bem ser;  
 Mas ora mi guisou deus assi,  
 Que u' perdi tan gran ben de Senhor  
 Cobrei d'atender outro mui melhor  
 Em todo bem de quantos outros vi.

E quand' en outra sazon perdid' eu  
 Aquel gran ben cogi, cuido que non

Perdesse corra do meu coração;  
Mais agrados tal senhor mi deu,  
Que de bon prez e sen e parecer,  
He mui melhor de quantas quiz fazer,  
E quiz log' y que fosse' en poder seu

Hũa d' enpedir aquella que amar  
Sabia mais, que mi nen outra ren,  
Non cuidava d' ante d' aver o ben;  
Mais prugo a deus de mi o assi guisar  
Que eu perdi aquella que amet  
Y outra senhor mui melhor cobrei,  
Que me faz deus servir e dezerjar.





## XLVII.

**N**on quer' a deus por mba morte rogar  
Nem por mba vida si a non m'ba mester  
E' aquele que a rogar quizer  
Por si o rogue, leix' a mi passar  
Assi meu tempo, ca morte en durar  
Nunca me pode bem nem mal fazer,  
Nem ond' eu aja przar, nem prazer.

E' ja m' el tanto mal fez que non sei  
Ren ú me possa cobrar disso; non



Sei, nem sôbe ren, nem sab' el raxon  
Porque me faça mais mal de quant' ei,  
E pois eu ja tod' esto passei,  
Nunca me pode bem nem mal fazer,  
Nem ond' eu aja pezar, nem prazer.

E bem nem mal nunca m'el já fará,  
Pois m'el pezar contra gran coita deu  
Que nunca prazer ar notará meu,

. . . . .  
E pois por mi tod' esto passou já  
Nunca me pode bem nem mal fazer,  
Nem ond' eu aja pezar, nem prazer.



XRVIII.

Quem da guerra levou cavaleiros,  
E a sa terra foi guardar dinheiros:  
Non ven al Mato.

Quem da guerra se foi con maldade,  
A sa terra se foi comprar herdade:  
Non ven al Mato.

O que tragia o pano de linho,  
Però non veio polo San Martinho:  
Non ven al Mato.

. . . .

O que tragia o pendon sentado,  
Per quant' agora sei de su fado (?)  
Non ven al Maio.

O que se foi comendo dos murrinhos,  
E a sa terra foi beber os vinhos:  
Non ven al Maio.

O que com medo fugiu da fronteira,  
Pero ten já pendon sen caldeira:  
Non ven al Maio.

O que roubou os Mouros malditos,  
E a sa terra foi roubar cabritos:  
Non ven al Maio.

O que da guerra se foi con espanto,  
E a sa terra se foi armar manto :  
Non ven al Maio.

O que da guerra se foi, con gran medo,  
Contra sa terra espergendo, tredo ;  
Non ven al Maio.



Que foi passar a serra,  
 E non quiz servir a terra,  
 E ora entransa guerra;  
 Que favoneia,  
 Pois el ran muito erra:  
 Maldito seja.

O que levou os diñeiros,  
 E non troux' os cavaleiros  
 Por non ir nos primeiros,  
 Que favoneia;  
 Pois que veio com os postumeiros:  
 Maldito seja.

O que filhou gran soldada,  
E nunca fez cavalgada,  
E porisso o' agrada;  
Que favoneia,  
Se erra com' eu en a meznada,  
Maldito seja.

O que meteu na taleiga,  
Ponc' aver e muita meiga  
E por non entrar na veiga;  
Que favoneia,  
Pois é mais mole que manteiga,  
Maldito seja.





2.

**E**m um tempo cogi flores  
Del muy noble Paraiso:  
Cuitado de mis amores,  
E del su fremoso riso!  
E sempre vivo en dolores;  
E ya l' non puedo sofrir!  
Mais mi valera la muerte,  
Que en el mundo vivir!

Jo cum cuidado d' amores,  
Vo.lo vengo en a dizer  
Que es aquesta mi Señora  
Que muito desejo haver.

„En el tiempo en que solia  
„Io coger daquestas flores  
„D' al cuidado non avia,  
„Des que vi los sus amores:  
„E non sé por qual ventura  
„Me vino end' a faltar;  
„Si lo fiz' el mi pecado,  
„Si lo fiz' el mal decir,

Jo cum cuidado d' amores  
Vo.lo vengo en a dizer



Que es aquesta mi Señora  
Que mucho deseo haver.

Non creades, mi Señora,  
El mal dizer de las gentes  
Ca la muerte m' es llegada,  
(S) en ello parades mentes,  
Hi Señora noble! Vossea  
Merced vos vengo pedir:  
Arrended' a mi dolor,  
E non me deixes morir!

Io cum cuidado d' amores  
Vo-lo vengo en a dizer  
Que es aquesta mi Señora  
Que mucho deseo haver.

- "Io cogia flor das flores
- "De que tu cozer solias :
- "Cuidado de mis amores!
- "Ben sé lo que tu querias : . .
- "Dios lo pueste por tal guisa
- "Que te lo pueda fazer : . . .
- "Ante quisera mi muerte
- "Que r' assistir a morrer".

Io cum cuidado d' amores  
Volo vengo en a dizer  
Que es aquesta mi Señora  
Que mucho desejo haver.



NOTAS.

---

São verda  
e naturã  
ni trova  
Lem  
nio de e  
pe, em v  
frenas d  
o verso  
lha non  
las notas  
18 e 46  
com se om

I<sup>a</sup>.

São verdadeiramente tres as variantes que se notarão na presente edição da cantiga do rei trovador que reproduzimos.

Lemos na 2<sup>a</sup> estropha *destorvar e não de estorvar*, e no fim da 4<sup>a</sup> *sinon do qu'*, em vez de *sinon no*. Igualmente não tivemos dúvida em acertar em *ou* a rima do 6<sup>o</sup> verso da 3<sup>o</sup> estropha, preferindo a syllaba *vou á m' ei*, que, segundo se verá das notas seguintes (veja principalmente as 38 e 46), fazia essa estropha não acorde com as outras tres.

II<sup>a</sup>.

Em virtude da mesma lei não duvidamos considerar errado o 4<sup>o</sup> verso da 3<sup>a</sup> estropha desta canção, o qual devera rimar em *ãos*. Cremos que o trovador teria antes dito

„Outrosi donas e infanções“

e que algum copista mudaria esta palavra, julgando a outra de igual valor. Pareceu-nos porém que seria demasiada liberdade o tomar sobre nós o restituil-a no texto, e nos reservámos a propor daqui a emenda.

III<sup>a</sup>.

No 3<sup>a</sup> verso de pag. XV deve talvez antes ler-se „so lo“ em vez de *sob' o*. Veja-se a canção XIII. A respeito da palavra *osmas*, que se lê no ultimo verso, pedimos a opinião dos eruditos. Sabemos que em linguagem da gira *osma* significa *chusma*, *bando*.

IV<sup>a</sup>.

E' necessario confessar que Ayras Nunes, como clerigo, devia entender pouco de amores, quando acreditava que os namorados andam sempre „*ledos, louções e sem cuidados*“.

V<sup>a</sup>.

Não respondemos pela exatidão da palavra *Ostel*, que se lê na 3<sup>a</sup> estropha. Na 2<sup>a</sup> estropha, julgamos faltar no manuscrito um verso, no logar que designamos pela linha de pontos.

VI<sup>a</sup>.

Os versos da segunda estropha estavam mal separados no manuscrito, e postos em tres linhas, em vez de quatro.

VII<sup>a</sup>.

A palavra *tuar*, que se lê no fim da 3<sup>a</sup>. estropha, se encontra repetida mais

alguma vez no Cancioneiro, no mesmo sentido de *assegurar*, *defender* (tueor), em que a emprega tambem Berceo.

## VIII.

O verso final de cada estropha

„E non quiz' da caza sayr“

e' um verdadeiro estribillo, e deveria talvez escrever-se como tal, um pouco mais dentro que os outros.

## IX.

Na nossa copia se encontra escripto „vos velidas et *ug* loadas“ sendo que em ambos os casos se deve ler *vós*. Prova da pouca importancia que ha que ligar á orthographia deste pronome, como dissemos na *Noticia Critica*.

## X.

Parece faltar alguma syllaba, talvez uma interjeição, no primeiro verso da se-



gunda copla. Não a suprimos, porque nos occorren para isso mais de uma palavra, e não podíamos decidir-nos. O antepenultimo verso não duvidamos entretanto corrigir juntando a syllaba *as* que não está no manuscrito, por omissão manifesta.

XI<sup>a</sup>.

Os juizes competentes dissertarão sobre a palavra *ler* que aqui parece significar *estaleiro*.

XII<sup>a</sup>.

Esta composição parece referir-se ao rio Salado, junto a Tarifa, onde se deu a batalha de 3 de Out. de 1340. Por esta circumstancia a colligimos.

XIII<sup>a</sup>.

A 1<sup>a</sup> estropha desta canção, attribuida a Torneol, é quasi identica á 1<sup>a</sup> da pagina XV, da trova III, ali attribuida a Ayras

Nunes, clérigo; onde, como dissemos na nota 13<sup>a</sup>, talvez melhor se leria *so lo* em vez de *sob o*, segundo se vê também na cant. XVIII. Seria plagio manifesto? Ou serão ambas as canções de um dos dois trovadores? Ha exemplo no Cancioneiro de ver-se attribuida a mesma canção, por acazo nelle copiada duas vezes, a dois autores differentes, como succede á XXXIII. desta collecção.

XIV<sup>a</sup>.

A 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> copla se repetem no MS. e assim o deixamos.

XV<sup>a</sup>.

Repetição da palavra *Ler* com a significação de estaleiro. Veja a nota 11<sup>a</sup>.

XVI<sup>a</sup>.

Accentuamos o *vós* na 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> copla, e deixamol-o sem accento na 1<sup>a</sup>, parecendo-

nos ir de accordo com o trovador, salvo melhor juizo.

XVII<sup>a</sup>.

Não conseguimos decifrar os breves do terceiro verso da segunda estropha. O ultimo da 3.<sup>a</sup> se acha errado na nossa copia, dizendo só „Eu non verei“; e julgamos que não podiam as duas syllabas que faltam ser outras, senão as que inserimos. No manuscripto encontra-se mais uma quarta estropha, que não transcrevemos por não havel-a podido decifrar de modo que produza sentido.

XVIII<sup>a</sup>.

*Rayão* é o mesmo que *arraião* ou murta. Quanto ao *so lo* veja o que dizemos na nota XIII.

XIX<sup>a</sup>.

Não se poderam decifrar as palavras que vão em branco na terceira quadra.

XX<sup>a</sup>.

Pareceu-nos que no fim do 2.<sup>o</sup> verso da 3.<sup>a</sup> estropha deveria antes ler-se *comigo* em vez de *amigo*, segundo está no MS., para evitar que esta palavra fizesse rima consigo mesma.

XXI<sup>a</sup>.

De Bernal do Bonaval diz, no mesmo cancionero, elrei D. Alonso a Pero da Ponte, conceituando-o de mau trovador:

«Vós não trobades com' proença  
 Mais como Barnaldo de Bonaval  
 E por ende *non é trobador natural*».

XXII<sup>a</sup>.

Veja-se a nota precedente.

XXIII<sup>a</sup>.

Se diria que com o estribilho recorda o trovador á sua dama felizes momentos antes passados a olhar para as ondas.

XXIV<sup>a</sup>.

Achamos no manuscripto repetida a quarta copla, 1<sup>a</sup> de pag. LXX, porém, a nosso ver, foi isso engano de algum copista, e não proposito do trovador.

XXV<sup>a</sup>.

Outro tanto não dizemos da repetição da 1<sup>a</sup> estropha no fim desta outra cantiga.

XXVIII<sup>a</sup>.

Esta cantiga de João Servando vem repetida no 2<sup>o</sup> gruppo dellas quatro paginas adiante, com variantes notaveis, principalmente quanto á 4<sup>a</sup> que uma das vezes é inteiramente omittida, e á 1<sup>a</sup> que se lê uma vez como a escrevemos e outra da seguinte modo:

„Donas van a S. Servando  
Mittiss (Hi tres?) oje en romaria

Mais non quiso mba madre  
Que fosse' eu bý este dia":

estrophá que parece mais de accordo com as outras, do que a do nosso texto, que alias preferimos, por adoptar nelle integra uma dellas.

No 4º verso da 2ª estrophá lê-se

Que end eu fezesse a ida"

O 3º tanto desta 2ª estrophá, como da seguinte ha tambem uma pequena variante, que não tomamos em consideração, porque della resulta ficar o verso errado.

Deve advertir-se que no MS. o primeiro verso da 4ª estrophá (que infelizmente se não repete para melhor se poder verificar) foi escripto com erro manifesto,

"Nunca me mba madre mia"

o que não faz sentido algum.

## XXIXª.

No 1º verso da 3ª copla se lêem no MS. mais duas letras, que omittimos, por

não fazerem sentido, nem as podermos interpretar por palavra alguma, sem produzir erro para o verso.

XXX<sup>a</sup>.

A' invocação de *S. Marcos* não ha que ligar nenhuma importancia mais que a da rima com *Arcos*.

XXXII<sup>a</sup>.

No 2<sup>o</sup> verso pode por ventura no MS. ler-se *Roy parciès*, bem que desta ultima palavra só as duas primeiras letras se achem mais distinctamente escriptas. Não se trataria porem antes de algum *Roy Martins?* *Fernanda* se lê uma vez *Hernanda*.

Na 3<sup>a</sup> estropha a reticencia depois da palavra *cada* não está no MS. Mas poderia ler-se *cadavez*, fazendo elisão em „qu'“.

A circumstancia de ser feita em Santarem, não e' sufficiente para a suppor contemporanea d'elrei D. Fernando, que fez dessa primeira villa sua Corte habitual. Ja

no tempo deste rei havia decaído o gosto pelos trovadores, e começava a primar o gosto pelos livros de cavallarias, taes como os da *Tavola Redonda* (†), *Tirante ao Blanco*, etc.

XXXIII<sup>a</sup>.

Parece que a conjunção *e* no principio do estribilho, se deve suprimir, embora faça bom sentido. No codice da Vaticana começa logo o verso „*Eu utendendo*“. As reticencias foram por nós postas, pela mesma liberdade que declarámos tomar acerca de toda a pontuação.

XXXIV<sup>a</sup>.

O mesmo dizemos a respeito das do penultimo verso desta satyra de Pereda. As que se encontram depois do 4<sup>o</sup> verso da 1<sup>a</sup> e da 3<sup>a</sup> estropha são egualmente nossas;

---

†) Para a nota 51 reservamos uma noticia de dois MSS. antigos deste romance.



pois, á vista da 2.<sup>a</sup> estropha, devem ahí faltar estes dois versos. No 3.<sup>o</sup> v. da 3.<sup>a</sup> estr. se encontra o verbo *avidar*, cuja existencia foi negada pelo Sr. Diez. No proprio Cancioneiro, de lettra mui differente do de Lisboa, encontramos outra vez (c. 1053.) *avidasse*, e outra *avide* (Affonso Annes de Coton).

Do proprio modo como está empregado *Avidaria tolher d'el soydadê* não se poderia ler ajudar ou ajudar, que pediria outra regencia grammatical. Aquí *avidaria* quer antes dizer *conviria*, *importaria*, etc.

XXXV.<sup>a</sup>

Por *lirias no som* quereria o trovador significar o que hoje se exprimiria por *variações*, *modulações*, etc. Talvez dessa palavra proceda a hoje vulgar *lérias*, só applicada aos contos ou divagações fantasticas dos falladores.

XXXVI.<sup>a</sup>

Ao ler Faro, imaginamos que Requeixo seria algum algarvio trovador. Se ha terra

na Galiza com esse nome, della se deve tratar: e o dito por não dito.

XXXVII<sup>a</sup>.

Os tres ultimos versos foram quasi adivinhados, quem sabe se felizmente, de uma linha assim escripta:

*Foguiu perruir' asconder.*

XXXVIII<sup>a</sup>.

Esta canção satyrica encontra-se duas vezes no Cancioneiro; e não só com erros manifestos ambas as vezes, mas com alguns versos inteiramente differentes, e, o que é mais, attribuida a 1.<sup>a</sup> vez a um trovador (Martim Moxa) e a segunda a outro (Lourenço Jograr). Assim os tres ultimos versos, para os quaes preferimos o texto attribuido a este segundo trovador, se encontram no texto attribuido a Moxa, e que se diz allusivo „a *elrei D. Affonso* (XI. provavelmente) e *seus privados*“, mui differentes, e taes que apenas os podemos ler do modo seguinte:

Per  
E  
Bl

O  
versões  
mesmo  
panheir

D  
estancia  
bando-  
naiz fa  
e outra  
unio<sup>a</sup>

No  
bra' um  
le pedir

Fre  
astropha-  
dis man  
em vez d  
balho no  
amos na

Pero de se dar, non se ganba em dar;  
 E se non dér, non se pod' adubar,  
 Al cab' privados queren que lhes deen.

O certo é que de qualquer das duas versões a estropha resulta certa e com o mesmo accordo symmetrico das outras companheiras. (Veja a nota XLVI.)

Duas outras variantes se notam na 2ª estancia, uma no 1º verso, em que, attribuindo-a a Lourenço Jogradar, se lê „non sei mais falar“, em vez de „non sei novelar“; e outra no 4º, em que em vez de „grandes muito“ se lê „a gente toda“.

No fim do 5º verso da 1ª estropha pode-se ler n' um dos dois textos *gouvir* (*gosar*) em vez de *pedir*, lição que talvez deva ser preferida.

### XLIª.

*Fremosas* se lê no 3º verso da 2ª estropha. Esta cantiga, que é a em que nos dois manuscriptos se lê distinctamente *nenea* em vez de *velida*, é uma das que mais trabalho nos deu para a restaurar, como dizemos na *Noticia* que precede, p. 46 e 47.

No 2º verso da 3ª copla repetiam-se as palavras „do monte“ depois da palavra *agua*. Ainda que todos conhecem a expressão de *agua do monte* applicada á das enchentes, suprimimos essas palavras, que fariam errar o verso, de accordo com o voto do digno Prof. Mussafia, mui competente em quanto respeita á poesia dos trovadores e que se dignou ajudar-nos a rever as provas deste trabalho.

Pelo que respeita ao fim da canção, preferimos a palavra *alho* que se acha no nosso M. S. a *alto* que se lê no de Roma (†), segundo Grilzmacher. *Alho* ou *allo* poderia bem significar o mesmo que hoje *algo*. Cumpre-nos porém declarar que se o verso pudesse ler-se

Nunca vi cervo que volvesse' a vado

---

†) Mais para que o leitor tenha uma ideia dos muitos erros em que abundam as copias tanto a Vaticana como de Madrid, do que com intento de censurar, apontaremos aqui algumas outras passagens, evidentemente erradas, das trovas transcriptas pelo mesmo Sr. Grilzmacher

o sentido da ultima estropha resultaria com mais analogia ao das anteriores.

## XLIIª.

Não podemos assegurar se esta composição se acha completa, ou se e' apenas a ultima estropha de outra maior. Damol-a somente por ser a 1ª do Codice, e ser-nos necessario fazer a ella referencia, como praticámos na pag. 11.

no Tom. 6º do *Sahrbuch für Röm. und Engl. Litteratur*, pag. 357 e segs'. —

## Alfonso Sanches.

	onde diz:	deve ler-se:
vers. 9	<i>uiu dimga</i>	<i>uiu' comigo</i>
" 11	<i>neupau</i>	<i>semp' eu</i>
" 19	<i>peisson</i>	<i>per ren</i>

## Stevam Coelho.

" 1ª e 4ª	<i>sugo</i>	<i>fuzo</i>
-----------	-------------	-------------

## Conde D. Pedro.

" 4	<i>lhesta</i>	<i>lh'era</i>
" 7	<i>sperada</i>	<i>spercada</i>
" 13	<i>hirando</i>	<i>tirando</i>
" 20	<i>pando esseo mer- pado</i>	<i>ficand' o esteo rompudo?</i>

XLIII<sup>a</sup>.

Outro tanto dizemos desta que offerecemos somente pela circumstancia de rematar nella o grande Cancioneiro, e a ella nos devermos referir na pag. 14. Para a podermos publicar nos foi necessario supprimir parte do 5<sup>o</sup> verso, pela mesma razão que terão de ser supprimidas trovas inteiras, quando se venha a dar á luz todo o Cancioneiro.

XLIV<sup>a</sup>.

A linha de pontos depois do 5<sup>o</sup> verso da 4<sup>a</sup> estropha foi posta por nós na convicção de que ahi falta um verso, como se deprehende das tres estrophas anteriores, em vista do que exposemos nas notas 1, 38 e 46.

XLV<sup>a</sup>.

Preferimos supprimir a 2<sup>a</sup> estropha por não a conseguir copiada de um modo satisfatorio.

XLVI<sup>a</sup>.

As tres estrophas desta cantiga do Conde D. Pedro apresentam uma verdadeira norma da regularidade e symetria na rima de que tratamos na nota 38<sup>a</sup>.

XLVII<sup>a</sup>.

A linha de pontos na 3<sup>a</sup> estropha não está no M. S. ; mas pozemol-a para designar que deve faltar ahi um verso.

XLVIII<sup>a</sup>.

Depois da 3<sup>a</sup> copla seguem-se mais duas que omittimos, por não termos podido nellas decifrar as palavras que deveriam ser mais caracteristicas.

XLIX<sup>a</sup>.

Tanto esta canção como a precedente, e ainda mais outra em que lemos as estrophas

Dom João quando ogaño aqui chegou  
 Primeyrament', e viu posta a guerra,  
 Tan gran sabor ouve d' ir a sa terra,  
 Que logu ão por adail filhou  
 Seu coraçõ, e el fez lh' y leixar,  
 Polo mais toste da guerr' alongar,  
 Poz en esforço, e passou a serra.

E en esto fez come de bon sen,  
 En filhar adail que conbecia,  
 Que estes passos mãos ben sabia,  
 E el guardou logu' enton mui ben  
 Des y, e fez lide desto leixar

Da fronteira e en tal guerra leixar seu seõor :

parec  
 do qu  
 não c  
 dezess  
 da Va  
 de Ce  
 segui



Muito foi lido, se Deus me perdon'  
 Quando se viu d'aquelles passos fóra,  
 Que vos ja dix', e disse' em cesa ora:  
 Por Deus, Hadah, murr' ei gran raxon  
 De sempre vós m'afazer d'aleixar;  
 Ça (cu) non me mova deste logar  
 Se jamais nunca cuidei passar l'ora.

Çao demo non á comendar  
 Pr'z' deste modo en armas e lidar  
 Ça non e' jogo de que omen chora,

parecem mais referir-se á época de Alonso XI, do que á de Affonso o Sabio, aquem Wolf não duvidou attribuil-as, bem como outras dezeseite mais que no grande Cancioneiro da Vaticana se dizem de "elrei Dom Affonso de Castella e Leon."

A razão unica que teve para isso Wolf, seguido pelo Sr. Diez, foi o vir logo

depois no Cancioneiro designado Alonso XI., autor da canção Castelhana que publicamos sob o num. L., pelo seu honroso titulo de "vencedor de Benamarim a par de Tarifa".

Deve porem notar-se que o collecter, quando nomeia segunda ou terceira vez os mesmos trovadores, nem sempre os designa do mesmo modo. Assim umas vezes lhes tira o dom, outras vezes lhes accrescenta o titulo ou o emprego etc. etc.

Quanto a nós, só um estudo mais aprofundado do assumpto dessas vinte poesias é que melhor poderá descobrir qual dos dois Affonsos deve ser considerado seu autor; e inclinamo-nos a crer que, no numero das vinte, ha poesias de um e de outro rei; e que devem attribuir-se antes a Alonso XI. as duas que damos no texto e as estrophas transcriptas no principio da presente nota. Todas nos parecem reduzir-se a queixas deste ultimo rei contra o seu alferes Dom. João Nunes de Lara, quando o deixou sobre

Gibraltar, com pretexto de ir buscar novos reforços, e se foi a Castella revoltar-se; a ponto de obrigar o rei a fazer uma paz menos vantajosa com os Mouros, e fim de ir cercal-o e rendel-o (em Lerma). Parece-nos que de semelhante opinião serão os que compararem o teor destas tres composições, bastante characteristics, com a *Chronica Rimada* de Rodrigo Annes, impressa, infelizmente com algumas sensiveis erratas †), no fim do tom. 57 da colleção estereotypica de Ribadeneyra.

†) Aqui apontaremos algumas que, revendo-se de novo o M. S., se poderão corrigir na estereotypia:

- Copla 361. — *Tera* será provavelmente *Feza*;  
 " 496. — *Porto Carnero* lêa *Porto Carrero*;  
 " 535. — *Con Johan* " *Don Johan*;  
 " 1102. — *vicio* " *juicio*;  
 " 1339. — *Penna de Cierro* lêa *Penna de Cuervo*, como na 1410.  
 " 1457. — *Io faré* lêa *Io saré*;  
 " 1717. — *I van ferindo* " *I va feriendo*;  
 " 1743. — *Nin* lêa *Mñ* (Martin Fernandez de Gerez).  
 " 1862. — *Que mal* lêa *Que val*;  
 " 2317. — *Oteando* " *Ojeando*.

L.<sup>a</sup>.

Esta canção é sem a menor dúvida attribuida a Alonso XI., e foi publicada mui errada (tal como se acha no codice da Vaticana) pelo Sr. Wolf, e depois em parte restaurada pelas observações que a ella fez o Sr. Diez, de quem nos separamos ao dizer nos versos 7.<sup>o</sup>, 18.<sup>o</sup>, 31.<sup>o</sup> e 44.<sup>o</sup> *valera, vino end' a falir, atendede et assistir*; quando o mesmo Sr. Diez propõe *valiera* (Castelhano de hoje), *vino a de falir, entendede, e t' assivea* ou *t' assi veja*... A primeira destas palavras talvez se podia ler *valya*.

## LI. (Veja pag. 152).

Se hoje se começa a crer perdido o texto portuguez de *Amadis de Gaula*, não podemos dizer outro tanto de todo o texto antigo do livro dos *Cavaleiros da Tavola Redonda e demanda de Santo Greal*.

Da parte deste que respeita a Lançarote existe uma versão livre contemporanea de D. João I<sup>o</sup>, na Bibliotheca Imperial desta Corte, escripta em pergaminho e com o maior esmero possível, e facil será obter della uma copia.

Não contem, é verdade, o principio; mas nas 199 folhas existentes se encerra a parte mais importante da novella, com circumstancias que não se encontram no texto francez, apesar de citado pelo escriptor.

Serviço grande faria ás letras portuguezas a corporação ou o litterato que tomasse a si a publicação de tão curiosa livro, que virá reparar em parte a perda do texto antigo.

A cerca do Santo Greal tivemos occasião de ver, ha uns 24 annos, em Lisboa outro manuscripto intitulado: „*Livro de Josep abaramatia Intitulado a premeiro parte da demãda do São grial ata a presête idade nunca vista treladado do proprio*

*original por ho doutor Manuel Alvêz  
corregedor da Ilha de Sã Miguel Deregido  
ao muy alto e poderoso principe el Rei  
Dom João ho 3º deste nome Elrrei nosso  
Sñor.*“

Neste livro se trata muito de Vespasiano †)  
e de Tito e de sua influencia na conquista de  
Santo Greal. Pertence ao mesmo cyclo do

†) Daremos aqui os assumptos de alguns ca-  
pitulos de que tomamos nota:

- Cap. 4. — Como o Emperador perguntou se  
J.-C. creia nos idolos.  
" 5. — Como o Emperador enviou buscar  
as reliquias de J.-C. pelo seu  
mestre-sala (Gays).  
" 21. — Como Vespasiano.... foi gafo.  
" 23. — Como a Veronica veio a Roma, e  
como Vespasiano foi são etc.  
" 25. — Vespasiano, havendo prometido  
não queimar nem enforcar os Cai-  
fás, o manda meter em uma barca  
à ventura.  
" 27. — Baptisa-se Vespasiano.  
" 28. — Pilatos na prisão.  
" 22. — E' condemnado ao Diabo.

famoso livro impresso em 1496 (unico exemplar conhecido e infelizmente incompleto) da Bibliotheca Publica de Lisboa, chamado *Istorea do Emperador Vespasiano*.

Na dedicatória do manuscripto se lê :

“ Com esta ousadia comecey a tresladação do presente livro que a V. A. hofereço. O qual eu achei em Riba Damcora em poder de hũa velha de muy antiga idade no tempo que meu pay C<sup>or</sup> de Vossa Corte servia V. A. de C<sup>or</sup> Dantre Douro e minho. O qual livro segundo por elle parece he spto em porgaminho e iluminado E a caise de dozentos annos que foi spto trata muitas antiguidades e materias boas e sabrosas como V. A. por elle veraa<sup>u</sup>.

Conclue (na folha 311 v.) com esta notavel declaração que bem podera ter sido inventada :

„Este livro mandou fazer João Sanches mestre escolla d'Astorga no quinto ano que o estudo Coimbra foy feito e no tempo do

papa Clemente que destroio a ordem del Temple e fez o concilio geral em Viana e pos ho entredicto em Castela e neste ano se finou a rainha dona Costança em São fagundo e casou o Infante Dom Felipe com a filha de Dom A°. ano de 13 bij anos."

O M. S. da Tavola Redonda existente em Vienna consiste (sem principio) em parte do "*Conto ou Romance de Lançarote*" tirado da copia franceza de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto.

Parece que o codice, que é um volume grosso, fazia parte de uma colleção maior, comprehendendo o *Brado de Merlim*, e *Estoria de Tristam*.

Não tivemos occasião de examinar o *Memorial da Segunda Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcellos; mas julgamos mui provavel que, se bem se tratará ahi tambem de Lançarote, a sua redacção foi feita sem influencia deste M. S.



Ao notar o anno em que se publicou essa obra, hoje rarissima, de Jorge Ferreira, não nos deveriamos admirar se elle tivesse tomado por texto uma edição italiana publicada em Veneza em 1549 e 1551.

Em todo o caso o manuscrito de Vienna é mui importante, como specimen de uma fiel amostra de *linguagem litteraria* portugueza no principio do seculo XV. Ahi se vê mui uzado o *ren* e *en* no mesmo sentido que os trovadores os usavam.

Este manuscrito é o n. 2594 da Bib. Imperial, e pode-se ver acerca delle mais circunstanciada noticia no Tom. 14 (pag. 183 a 184) da classe da Historia Bibliologica das Mem. da Acad. das Sciencias de Vienna.

Se alguma vez houvesse de dar-se á luz esta copia talvez acerca do seu contendo, e para preencher a parte extraviada do todo, por meio de traducção, poderia ser de mais auxilio que qualquer edição franceza, o M. S. (copiado de outro que se diz acabado de

escrever em 24 de out. de 1414) que se guardava na Bib. Pub. de Madrid (Aa, 103).

Talvez poderiam servir tambem de auxiliares as edições de Veneza (de Tramezzino) de 1557 e 1558 em 3. vol<sup>o</sup>; e a *Tavola Redonda* da Coll. de Bologna (por Gaet. Romagnuoli) imp. em 1864.

#### Additamento.

Cumpre-nos acrescentar aqui mais umas poucas linhas para consignar as erratas que escaparam na *Noticia Critica* que precede este livro.

Na pagina 27, linhas 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> deve ler-se: "sobre a composição que damos", etc. — Eram a principio duas, mas resolvemos supprimir uma dellas, ao ver que estava ja publicada. Nas paginas 36<sup>a</sup> e 39<sup>a</sup> devem abatter-se dezeseite canções no segundo gruppó das do 15<sup>o</sup> trovador, e juntar um segundo gruppó de igual numero ao trovador 54<sup>o</sup>. — Na penultima linha da pagina 37<sup>a</sup> lea se "Desquijo" e não "Despuijo".

